



revistafidelidade@terra.com.br • ano V • Mai-Jun/2007 • nº 56-57 • R\$10,00

Revista

# Fidelidade **ESPÍRITA**

## Sonhos

A  
Revista que  
se **Responsabiliza**  
**Doutrinariamente**  
pelos Textos Publicados

## SUMÁRIO

### 4 REFLEXÃO

CHICO DESISTE DO LEGADO DE FREDERICO FIGNER

A herança deixada em favor da FEB

### 8 ENSINAMENTO

AS BODAS DE CANÁ

A transformação da água em vinho

### 10 ENSINAMENTO

O SANGUE DE CRISTO

O significado do pão e do vinho

### 12 EVANGELHO

O EVANGELHO DE CHICO XAVIER

Palavras de amor e conforto

## 14 CAPA

SONHOS

Para onde vamos e o que fazemos enquanto dormimos

### 20 ESTUDO

REGRESSÃO DE MEMÓRIA

Os mistérios do passado e o segredo do porvir

### 24 CURIOSIDADE

TEMOR DA MORTE

Explicações sobre o medo inerente à natureza humana

### 27 COM TODAS AS LETRAS

CINEMA TEM SESSÃO E LOJA, SEÇÃO

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

## FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN  
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

[atendimentovistafidelidade@hotmail.com](mailto:atendimentovistafidelidade@hotmail.com)



Edição

Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi

Leandro Camargo

Rodrigo Lobo

Sandro Cosso

Thais Cândida

Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" responsabiliza-se  
doutrinariamente pelos artigos  
publicados nesta revista.



Comparemos a mediunidade a determinado trato de terra entregue temporariamente aos cuidados de um lavrador.

Enquanto o trabalhador permanecer fiel aos objetivos estabelecidos para o cultivo do solo, preservando-o das pragas e ervas daninhas, contará com a assistência constante de técnicos e agrônomos interessados na produção de alimentos para atender à coletividade.

Mas se o lavrador abandona deliberadamente a tarefa, temendo as dificuldades do terreno, ou se a desvia dos objetivos estabelecidos, transformando o solo em mero canteiro de plantas exóticas, que aguçam a curiosidade mas não conduzem à reflexão edificante, terminará por inviabilizar o trabalho dos orientadores que confiavam em sua colaboração.

Em outras palavras, quando o médium foge à tarefa de forma injustificável, ou desvia seus objetivos para atender a interesses pessoais, acaba dificultando a tarefa dos orientadores espirituais, que passam a não encontrar mais campo de atuação em seu psiquismo mediúnico.

Onde falta o arado do estudo, a enxada da vontade, o adubo da fé e a água viva do Evangelho, mais cedo ou mais tarde surgem a praga do personalismo e a erva daninha do comodismo, pondo a perder os esforços dos cultivadores do Bem.

Por certo, o mau uso da mediunidade não constitui o único fator capaz de ocasionar a suspensão do intercâmbio com as entidades interessadas no progresso moral da humanidade.

Há outros, naturalmente, que independem do comportamento ético-moral do médium, como as enfermidades físicas ou psicológicas, que inviabilizam momentaneamente o intercâmbio.

O uso inadequado da faculdade, porém, representa o fator contra o qual o médium deverá estar mais vigilante, porque nasce de suas próprias imperfeições morais.

Por essa razão, os espíritos que transmitiram a Doutrina Espírita a Allan Kardec recomendam ao médium que interrogue constantemente a própria consciência, questionando a si mesmo sobre o uso que tem feito da sua faculdade e o proveito que tem tirado das mensagens recebidas das entidades amigas.

Sem dúvida, a faculdade mediúnica é variável, muitas vezes inconstante, estando sujeita a intermitências em função do estado de saúde física e emocional de seu portador.

Recorda, porém, que em qualquer circunstância, caberá ao médium preservar seu mundo interior, equilibrando-se sobre a ética moral, a fim de atuar não apenas como intermediário do Além, mas também como um verdadeiro colaborador da Espiritualidade Amiga.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. Pág. 47-48. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00  
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP  
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

# Chico desiste do legado de Frederico Figner

por Suely Caldas Schubert



30-1-1947

“A partida do nosso inesquecível amigo Figner encheu-me de grandes saudades. Ele foi um companheiro admirável. Convivi com ele, epistolarmente, durante dezessete anos consecutivos. Dele recebi as maiores provas de abnegação que um amigo pode dar a outro. E a separação dele, no plano visível, consterna-me a alma. Deus o fortaleça no reino da paz e lhe restaure as forças para que, em breve, volte ao ministério de auxílio à Humanidade sofredora. Tive conhecimento, através das senhoras filhas dele, do legado de cem mil cruzeiros que ele deixou em Obrigação de Guerra que se encontram à minha disposição aí no Rio. Ele sempre cuidou de minhas necessidades paternalmente,

se intensificou muito e, no último semestre, escreveu-me, reiterando suas expressões de zelo. Entretanto, meu caro Wantuil, a melhor homenagem que posso prestar ao nosso inolvidável amigo é renunciar ao referido legado, em favor da nova organização que a Federação vem fazendo, com a instalação de novas oficinas para o livro espírita. Nesse sentido, escrevi hoje às senhoras filhas do nosso venerável companheiro que partiu, pedindo a elas entrarem em entendimento contigo, para que recebas, tu mesmo, esse patrimônio, transferindo-o para crédito da Casa de Ismael, em face da dívida a que a FEB se impôs pela aquisição das novas oficinas.

De fato, minhas lutas materiais



## Ele sempre cuidou de minhas necessidades paternalmente

preocupando-se excessivamente por minha causa. Sabia ele que, nos últimos anos, minha luta material

aumentaram muito. Confesso-te que tem sido difícil manter-me em PL, em face da fileira de irmãos que



Frederico Figner

*Israelita de nascimento, viveu no lar paterno os preconceitos de sua raça contra o Carpinteiro de Nazaré. Na verdade, porém, Figner, como muitos outros judeus, não tinha religião alguma.*

*Foi no Brasil e quando já negociante próspero, com seu estabelecimento comercial e industrial no Rio de Janeiro e uma sucursal em São Paulo, que Figner foi chamado a conhecer a verdade.*

*Em 1903 já se encontram vestígios das atividades espíritas de Figner na Federação Espírita Brasileira.*

*Ainda nos últimos dias de sua vida, distribuía ele principescamente donativos por instituições e pessoas pobres de sua amizade, guiando-se pelo coração e nem sempre pelo cérebro, e só respeitando a fortuna das filhas.*

*Trabalhou e serviu abnegadamente até que a enfermidade o prendeu ao leito, poucos dias antes da partida. Completou oitenta anos em 2 de Dezembro de 1946, e em 19 de Janeiro de 1947, às 20 horas, partiu para o mundo espiritual, deixando abertos caminhos de luz sobre a Terra que pisara por tanto tempo.*

me procuram diariamente. Sou obrigado a fornecer alimento de 20 a 50 pessoas novas por semana, de três anos para cá, sem falar de grande número de doentes, cegos e leprosos, de passagem por aqui, à minha procura, aos quais preciso socorrer. Isso me compele a gastar duas a três vezes, por mês, a importância do meu salário mensal. Nosso Figner sabia disso e preocupava-se muito. E aqui te conto estas coisas para comentarmos a situação. E, para tranqüilizar-te, revelo-te também que nada me falta e que não há sacrifício nenhum da minha parte, porque, providencialmente, Jesus me aproximou do nosso amigo Sr. Manoel Jorge Gaio que tem me auxiliado a sustentar a luta. Se os deveres aumen-

## Ser espírita é viver o Cristianismo tal como Jesus o legou à Humanidade

taram para mim, aumentou Jesus a sua proteção, porque o Sr. Gaio me provê do que preciso; sua senhora, D. Marietta Gaio chama-me “filho”, ajudando-me também com a sua ternura e abnegação. Além disso, tenho o amor e o cuidado de todos vocês, os companheiros da Federação. E, como só preciso do necessário, creio que os cem mil cruzeiros de nosso querido amigo ficarão muito bem empregados nas oficinas novas da FEB. Perdoa-me haver-te falado tanto de mim, mas precisava explicar-te a situação e espero que me aprove. Rogo-te para que estes assuntos fiquem reservados entre os nossos círculos mais íntimos. Evitar qualquer publicidade, em torno do que ocorre, é uma caridade que vocês me farão. (...)”

Juntamente com essa carta Chico Xavier anexou cópia de carta datilografada, na mesma data acima, dirigida às filhas de Frederico Figner (Leontina, Helena e Lélia), declarando, em síntese, que agradece e renuncia ao legado de Cr\$ 100.000,00, a favor da FEB.

Essa carta de Chico Xavier vale por um livro inteiro de conselhos e orientações. Ela nos dá notícia da extraordinária vivência do médium mineiro, e seu exemplo constitui-se na mais preciosa das lições.

## REFLEXÃO

Poucas pessoas, no meio espírita da atualidade, sabem desse episódio. É importante que nos dias de hoje ele seja conhecido, para que tenhamos a exata dimensão desse apóstolo do Espiritismo que é o médium Chico Xavier. Não, é óbvio, para incensá-lo ou santificá-lo, mas para que a geração atual e as futuras se edifiquem nos testemunhos e na exemplificação daquele mediano do Alto.

Por intermédio dessas cartas

vamo-nos conscientizando de que a missão mediúnica, o mediunato, exige a cada passo provas e testemunhos de tal ordem, que para a grande maioria parece impossível serem vencidos. Gradualmente, vamos conhecendo melhor a figura humana de Chico Xavier, não pelo que os outros contam, mas pelo que ele mesmo diz. A cada carta ele abre o coração, desnudando a própria alma clarificada pela mensagem do Cristo. Vamo-nos

apercebendo, com real assombro, do que significa ser espírita. E nos damos conta de que ser espírita é viver o Cristianismo tal como Jesus o legou à Humanidade. Para essa vivência, já nos alertava Kardec, em admirável síntese, no item 350 do cap. 29 de “O Livros dos Médiuns”: “Se o Espiritismo, conforme foi enunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse feito ele só poderá produzir melhorando as massas, ▶

## Chico Xavier renuncia ao legado de Frederico Figner em favor da FEB



o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em conseqüência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária.”

Chico Xavier renuncia, assim, ao legado de Frederico Figner em favor da FEB. Ele, que já manifestara, anteriormente, em carta a Wantuil de Freitas, o seu desejo de um dia poder ajudar a Federação, tem então o ensejo de fazê-lo. E o faz com tanto desprendimento, que recomenda a Wantuil que ele próprio receba o dinheiro. Este não chega, portanto, a passar pelas suas mãos.

Observemos que Chico já tem, àquela altura, considerável serviço de amparo aos necessitados. Poder-se-ia, inclusive, indagar porque Chico não lhes reverteu essa importância. Ele mesmo, entretanto, pondera a Wantuil de Freitas que está recebendo colaboração para essa tarefa, por intermédio do Sr. Manoel Jorge Gaio e de sua esposa D. Marietta Gaio. É natural, então, que quisesse colaborar com a FEB na instalação de suas novas oficinas gráficas. Chico, por certo, antevê o importantíssimo trabalho do livro espírita que à FEB caberia realizar nos anos vindouros.

Três outros pontos ressaltam

também à nossa percepção, na análise dessa carta.

O primeiro relaciona-se com a seguinte frase: “Além disso, tenho o amor e o cuidado de todos vocês, os companheiros da Federação.” Chico é permanentemente cercado pelo carinho dos companheiros que dirigem a Casa de Ismael. Em diversas circunstâncias ele pôde sentir esse cuidado. Sabe que todo esse

porque precisa dar a Wantuil uma explicação mais detalhada das suas atividades e da preocupação de Frederico Figner em prover-lhes as necessidades. Recomenda, pois, ao amigo a máxima reserva quanto aos assuntos ventilados.

Muito tempo depois, já em Uberaba, a vida de Chico torna-se de domínio público pela natureza e característica do seu labor mis-

## Chico antevê o importantíssimo trabalho do livro espírita que à FEB caberia realizar nos anos vindouros

envolvimento de amor e zelo é imprescindível para ajudá-lo a superar as dificuldades que surgem a todo instante. Chico Xavier encontra na FEB a segurança de que precisa para levar adiante a sua missão.

O segundo ponto refere-se à sua afirmativa: “E, como só preciso do necessário, creio que os cem mil cruzeiros de nosso querido amigo ficarão muito bem empregados nas oficinas novas da FEB.” São por todos conhecidos os hábitos modestos de Chico Xavier. Podendo viver com certas regalias materiais, advindas dos direitos autorais de seus livros, a tudo renuncia em favor da FEB, de Centros, instituições de caridade e outras editoras, fiel ao propósito de jamais auferir vantagens financeiras à custa da Doutrina Espírita.

O terceiro ponto é a notável discrição com que o médium cerca as atitudes. Nessa carta ele extravasava um pouco mais a respeito de seu trabalho assistencial. Mas o faz

acionário. Não mais lhe foi possível agir no anonimato, e ele assume corajosamente a nova etapa, não perdendo, contudo, a sua natural simplicidade e a humildade que lhe é peculiar.

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Pág. 124 - 128. Feb

# As Bodas de Caná

por Cairbar Schutel

**H**ouve um casamento em Caná da Galiléia, e achava-se ali a mãe de Jesus; e foi também Jesus convidado ao casamento com os seus discípulos. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: Eles não têm mais vinho. Respondeu-lhe Jesus: Que tenho eu contigo, mulher? Ainda

não é chegada a minha hora. Disse sua mãe aos serventes: fazei o que ele vos mandar. Ora, estavam ali colocadas seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e levava cada uma dois ou três almudes. Disse-lhes Jesus: Enchei de água as talhas. Encheram-nas até acima. Então lhes disse: Tirai agora

e levai ao presidente da mesa. E eles o fizeram. Quando o presidente da mesa tomou a água tornada em vinho, não sabendo donde era (mas o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou ao noivo e disse-lhe: Todo o homem põe primeiro o bom vinho, quando os convidados têm bebido bastante, então lhes apresenta o inferior; mas tu guardaste o bom vinho até agora. Com este milagre deu Jesus em Caná da Galiléia princípio aos milagres, e assim manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele.” (João, II, I – II)

A primeira impressão negativa que recebe quem lê este trecho do Evangelho, e a qual nos poderia deixar prevenidos contra os ensinamentos do Cristo, porque destoa do espírito de cordura e mansidão que é característico de Jesus, é a pergunta feita por ele à sua mãe, com aspereza e até repulsa à sugestão que ela queria dar sobre a ação, que deveria executar naquela reunião de Caná.

Entretanto, não cremos que a troca de palavras entre Jesus e sua extremosa mãe fosse tal como se acha registrada na versão evangélica.

Sabemos perfeitamente quanto as traduções deformam e desnaturam as narrativas. E, quando pensamos que os Evangelhos passaram por várias traduções, a juízo dos





tradutores, inscientes às mais das vezes do pensamento íntimo dos seus autores, mais nos convencemos de que as Escrituras não podem mesmo ser estudadas de relance, nem tomadas ao pé da letra. Quantas vezes deixamos de encontrar, num idioma, uma palavra que exprima exatamente o que outra exprime em outro idioma!

Jesus não usou de aspereza com sua mãe; pelo contrário, a troca de idéias entre ambos não podia realizar-se sem a máxima cordialidade e respeito.

Outro fato digno de nota é o comparecimento do Mestre com sua família e seus discípulos numa festa de bodas. Com esse ato de presença, quis Ele exemplificar aos seus discípulos o caráter social da sua doutrina, que deveria ser ensinada em toda a parte e não, somente, em templos especializados para tal fim. Que os fatos que alicerçam a sua palavra tem caráter universalista.

Convidado com os seus discípulos para assistir a um casamento, Ele não devia deixar de comparecer, tanto mais que, nessa casa, nessa família de Caná da Galiléia, oferecia-se-lhe ocasião de ser dada profícua e substanciosa lição, não só aos seus como também aos demais assistentes. E, quase terminadas as saudações, quando já não havia mais vinho, talvez porque fosse pouco o abastecimento que fizeram desse líquido e avultado o número de convivas, Jesus resolveu dizer alguma coisa. Mas a sua palavra é diferente de todas as outras palavras. Os discursos são composições oratórias para deleitar, mas a palavra do Mestre sempre foi espírito e vida.

Deliberou Ele, então, falar pelo

fato, ensinando e comparando às coisas materiais às coisas espirituais.

Mostrou como da matéria se pode fazer a força e transformar, assim, um ato material em um ato espiritual.

O “milagre” da conversão da água em vinho obedeceu a leis químicas muito conhecidas de Jesus, que as manobrava com a máxima facilidade. É um caso de transmutação da matéria, de que o estudante espírita encontra muitos exemplos nos anais do Espiritismo. Falando pelo fato, o Senhor quis impressionar a assistência, com o fim de se dar a conhecer pelas suas obras e ao mesmo tempo deixar ver que o enlace matrimonial não consiste numa união simplesmente carnal, mas sim num ato moral e espiritual que tem por escopo principal promover o progresso de ambos.

faz os casais inseparáveis e mantém a união perpétua das almas.

O casamento como um ato meramente físico, não é mais do que um tênue complemento do instinto, de que todos os animais são dotados.

É preciso espiritualizar esse ato, dar-lhe cunho verdadeiramente cristão, mas cristão na expressão primitiva da palavra, isenta de formalismos sectários de decretos sacramentais, de preceitos ritualistas.

O amor não é palavra morta, que precise de ornamentos e flores; ele encerra a benevolência, a indulgência, a bondade, a magnanimidade, o trabalho do coração, do cérebro, do entendimento, da alma, com todas as forças em benefício do ser amado, e os cônjuges, para serem casados de verdade, precisam permutar todos esses deveres.

## O amor não é palavra morta, que precise de ornamentos e flores

O vinho material que tinha sido oferecido pelo presidente da mesa se esgotara, assim como se acaba a amizade circunscrita ao amor carnal. A sedução pela beleza, a dedicação e o arrebatamento pela mocidade, pelo dinheiro, pela nobreza de família também se esgotam como o vinho material, e, sem o vinho espiritual, que consiste na Doutrina que Ele anunciava, não podia prevalecer o verdadeiro casamento, razão por que aquele vinho, julgado pelo presidente muito superior ao primeiro, simboliza o verdadeiro amor, que

Finalmente, pelos últimos trechos se observa o efeito produzido, já não dizemos na assistência, mas, nos discípulos, por aquele fato extraordinário: “e os discípulos creram Nele”.

Vamos concluir, considerando o casamento antes como um ato espiritual, e, não, simplesmente material.

Fonte:

SCHUTEL, Cairbar. *O Espírito do Cristianismo*.  
Págs. 254 - 257. O Clarim.

# O Sangue de Cristo

por Vinicius

**E**u sou o pão da vida, sou o pão vivo que desci do céu; se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é minha carne. Em verdade, em verdade, vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós.

Quem come minha carne e bebe meu o sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele. Assim como eu vivo pelo Pai que me enviou, da mesma sorte que aquele que de mim se alimenta viverá de mim.” (Evangelho.)

Jesus é o pão que desceu do Céu para alimentar o espírito do homem. O pão do Céu é para o espírito o que o pão da Terra é para o corpo. Alma e corpo dependem de pão para manter a vida.

Para que, porém, o pão alimente e conserve a vida é preciso que se transforme em sangue. O milagre dessa transubstanciação opera-se à revelia da vontade humana: é obra maravilhosa da natureza.

A doutrina de Jesus é o pão do espírito. Conhecê-la, no entanto, apenas em sua letra, em sua forma, em sua estrutura, representa para o espírito precisamente aquilo que o corpo representa para a ingestão do alimento. O principal ainda está por fazer: digestão, transmutação, assimilação.

Assim como o pão, mercê do aparelho digestivo, se transforma em sangue, elemento este que é base da vida animal, assim também é mister que a doutrina de Jesus, penetrando o nosso espírito, se transmude em verdade, em luz, elementos estes que, a seu turno, representam a base da vida psíquica, como o sangue o é da vida corpórea.

Precisamos, pois, em boa metáfora, comer a carne e beber o sangue de Jesus Cristo, isto é, realizar em nós o mistério da transubstanciação para que tenhamos vida nele como ►

**Jesus é o pão que desceu do Céu para alimentar o espírito do homem**





ele tem vida no Pai que o enviou. Este prodígio opera-se também no recesso de nosso “eu”: é obra divina, é manifestação do poder de Deus. Daí o dizer do Mestre: Ninguém vem a mim se não for trazido pelo Pai.

A doutrina de Jesus é pão que se transforma em sangue – isto falando em linguagem carnal. A doutrina de Jesus é revelação do Céu que se transforma em conhecimento adquirido, em saber, em luz – isto usando linguagem espiritual.

O sangue é vida, a verdade é vida também: aquela, do corpo, portanto temporária; esta, do espírito, por conseguinte eterna.

O sangue é a imagem da vida: está em atividade contínua. Circulando por todo o corpo, vai entre-tendo a vida dos ossos, dos músculos, dos nervos, dos tecidos todos. Os mesmos órgãos denominados vitais estão sob sua dependência.

O sangue faz ainda mais: arrasta no seu movimento circulatório os elementos mórbidos, os resíduos desassimilados para os órgãos incumbidos de o eliminar. Nutre e purifica.

Tais maravilhas executam em nosso espírito o sangue do Cristo. A sua essência de sua inigualável moral: consolida o caráter, ilumina a mente, purifica os sentimentos escoimando-os de todas as impurezas.

Repetimos: cumpre comer a carne e beber o sangue do Imaculado Cordeiro de Deus. Esse sangue, que é a vida do Cristianismo, não

está na letra: ele corre vívido e palpitante por entre a imensa falange dos seres angélicos, denominada Espírito Santo.

Em tal consiste a verdadeira Igreja Cristã. Seus membros, espar-

## A doutrina de Jesus é revelação do Céu que se transforma em conhecimento adquirido, em saber, em luz

tos no Céu e na Terra, nutrem-se desse sangue que através dele circula incessantemente; e assim o cristão vive do Cristo, como o Cristo vive do Pai, fonte eterna da vida.

Fonte:

Vinicius. *Nas Pegadas do Mestre*. Págs. 245 - 246. Feb.

# O Evangelho de Chico Xavier

por Carlos A. Baccelli



“Muitos companheiros espíritas nunca puderam entender o meu contato com o povo; prefeririam que eu ficasse apenas na mediunidade, na produção de livros... Ora, se me fosse dado escolher a tarefa da mediunidade, com os livros e o serviço da mediunidade com os sofredores, eu ficaria com os sofredores, pois também me considero um espírito sofredor; ficaria com aqueles que me consolariam com as suas dores – dores semelhantes àquelas que eu também sinto... De modo que, embora respeite profundamente a opinião dos confrades, fico com a minha necessidade espiritual. Deus me livre da solidão de um gabinete, onde apenas os espíritos me fizessem companhia!...”



“Não consigo entender mediunidade sem espírito de sacrifício. Quem abraça a mediunidade, esperando isentar-se das dificuldades, está cometendo um equívoco muito grande. Não há uma só página da Codificação em que Allan Kardec tenha dito que as coisas para os médiuns seriam amenas. Mediunidade é um compromisso que sempre me pesou muito. Sou feliz na condição de médium; a mediunidade, sem dúvida, é uma alegria, mas uma alegria que não permite extrapolar...”



“Aceito perfeitamente a comunicação mediúnica entre encarnados; aqueles que têm uma grande afinidade, podem se comunicar, um interpretando o pensamento do outro, independente da distância... Quando um amigo quer dizer uma coisa a outro, se não lhes for possível o contato direto, os seus espíritos podem perfeitamente entrar em sintonia... Para alguns, esse tipo de intercâmbio acontece mais naturalmente do que o contato com os desencarnados.”



“A caridade sempre foi a força que me sustentou, tudo sempre valeu a pena, por causa dela... Quando ficava aborrecido comigo mesmo, com as minhas imperfeições e erros, procurava a periferia da cidade, visitando as favelas... Sempre encontrei na prática do bem a mensagem de consolação e o conforto espiritual de que me achava carente! Eu pensava comigo: - “Meu Deus, a minha vida não é tão inútil assim!...” As pessoas se alegravam com a minha presença; eu me sentava com elas e ficávamos longos minutos conversando... Éramos iguais. Ali, eu pensava em muita coisa... Aqueles irmãos e irmãs ignoravam o meu mundo de lutas, as críticas que eu recebia, as calúnias, os ataques da imprensa, a incompreensão dos companheiros... Eu voltava refeito para casa. Trocava um pedaço de pão por energia para o dia seguinte. O sorriso daquela gente me acompanhava... Aquelas senhoras pobres me abençoavam... O médium que vive distante da vivência na caridade não possui retaguarda... Emmanuel me ensinou isto. Ele me dizia: - “Chico, deixemos os nossos escritos; a página mediúnica pode esperar um pouco; é hora de você se reabastecer... Vamos para a periferia!” E eu ia com ele ou ele comigo, não sei... Quando na minha cabeça eu já tinha esquecido tudo, voltava para a psicografia... Sem a caridade, o médium não consegue sustentar o vínculo com a sua própria espiritualidade...”



Fonte:

BACELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*. DIDIER.

# Sonhos

por Yvonne A. Pereira





**N**o capítulo VIII de “O Livro dos Espíritos”, questão 400 e seguintes, há minuciosa explicação sobre o atraente assunto dos sonhos, que todos freqüentemente temos. E na bibliografia espírita, inclusive os romances, e talvez principalmente nestes, as explicações sobre o assunto são variadas e satisfatórias.

É sempre bom, no entanto, insistirmos nessa meditação, visto que a prática tem demonstrado que importante intercâmbio entre os Espíritos desencarnados e os encarnados pode estabelecer-se quando dormimos e sonhamos.

Muitos amigos, mesmo de outras localidades do Brasil, freqüentemente nos participam dos sonhos que tiveram, e, pouco sabendo ainda das questões da vida espiritual,

conseqüentemente, da emancipação da alma, solicitam explicações precisas, que tranquilizem as suas inquietações a respeito.

De princípio, devemos esclarecer que o melhor que todos temos a fazer para desdobrarmos essa tese e as demais que nos possam interessar, é recorrer aos livros básicos do

dos pelos colaboradores de Allan Kardec, a fim de nos instruímos da capacidade da alma humana e suas possibilidades. Mas, como o dever do adepto é jamais deixar passar a oportunidade de esclarecer aquele que o procura, interessado no aprendizado doutrinário, aqui trazemos a nossa contribuição para

## Importante intercâmbio entre os Espíritos desencarnados e os encarnados pode estabelecer-se quando dormimos

Espiritismo para neles fazermos um estudo consciencioso. Em seguida, tomar dos demais códigos doutrinários, mas códigos legítimos, firma-

uma informação sobre os sonhos, a pedido de amável leitora de “Reformador”, residente no interior do País. ▶

A questão 401, de “O Livro dos Espíritos”, interroga:

- “Durante o sono, a alma repousa como o corpo?”

Resposta: - “Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono,

afrouçam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando então de sua presença, ele se lança pelo espaço, e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

A questão 402 indaga:

- “Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?”

Resposta: - “Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo quer do outro.

Mais adiante, na mesma questão:

- “Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos.” (O parágrafo é extenso e não podemos transcrevê-lo na íntegra.)

Não obstante, a observação e a prática dos assuntos pertinentes à personalidade humana autorizam-nos a aceitar, convictamente, o seguinte, relativamente ao sonho:

Existem sonhos que não passam de frutos do nosso estado mental, nervoso, esgotado ou preocupado com afazeres e peripécias cotidianos. Outros, são reflexos, que nossa mente conserva dos fatos comuns da vida diária, e agora repetidos como num espelho: fazemos então, durante o sono, os mesmos trabalhos a que nos habituamos durante a vigília; tornamos às mesmas conversações, discussões, etc., ou realizamos, por espécie de auto-sugestão, ou desejos conservados em nosso íntimo, os quais não tivemos possibilidade de realizar objetivamente: viagens, visitas, posse de alguma coisa e, às vezes, algo nem sempre confessável. Esses sonhos são mediocres e, geralmente, se confundem com outras cenas, num embaralhamento incômodo, que ▶

## Existem sonhos que não passam de frutos do nosso estado mental, nervoso, esgotado ou preocupado







bem atestam perturbações físicas: má digestão, excitação nervosa, depressão, etc. São, pois, mais reflexos da nossa vida cotidiana reagindo sobre o cérebro do que mesmo acontecimentos oriundos da verdadeira emancipação da alma. Comumente, tais sonhos acontecem durante o primeiro sono, quando as impressões adquiridas durante a agitação do dia ainda vibram em nossa organização cerebral não tranqüilizada pelo repouso.

Os verdadeiros sonhos, porém diferem bastante destas perturbações. É pela madrugada, quando nossas vibrações, mais tranqüilizadas, adquirem força de ação,

## Uma vez nosso Espírito emancipado, temporariamente, durante o sono, partimos em busca de antigas afeições

que poderemos penetrar o campo propício às atividades reais do nosso Espírito.

Uma vez nosso Espírito emancipado, temporariamente, durante o sono, partimos em busca de antigas afeições, momentaneamente esquecidas pela reencarnação, e nos deleitamos com sua convivência. Visitaremos amigos da atualidade, dos quais estávamos saudosos.

Poderemos mesmo fazer novas amizades até em países estrangeiros, alargando, assim, o círculo de nossas afeições espirituais. Ao desencarnarmos, novos amigos encontraremos à nossa espera, a par dos antigos, a fim de que o amor se estabeleça em gerações humanas futuras, melhorando o estado da sociedade terrena. Poderemos trabalhar para o bem do próximo, ▶

encarnado ou desencarnado, sob a direção de mestres da Espiritualidade, ou, voluntariamente, obedecendo aos fraternos pendores que poderemos ter. Poderemos estudar

to, para novamente vivermos cenas dos nossos dramas pretéritos, etc, etc. Mas, tais sonhos não são comuns. Trata-se mais de um transe anímico, uma crise, do que mesmo

palmente, logram sonhos inteligentes, de uma veracidade e precisão, incomuns. São, freqüentemente, revelações que recebem dos amigos espirituais, instruções ou aulas, avisos de futuros acontecimentos, planos para desempenhos melindrosos, às vezes mais tarde confirmados pelos acontecimentos. A estes poderemos denominar sonhos magnéticos visto que são como que transes provocados pela ação sugestiva dos instrutores invisíveis, que trabalham usando como elemento o magnetismo, tal como acontece com os operadores encarnados. Nessas condições a emancipação da alma será mais pronunciada. E há até sonhos estranhamente coloridos, frutos de uma revelação, talvez até da contemplação de fatos presenciados no Além, não obstante, da Medicina qualificá-los

## Poderemos rever o próprio passado espiritual, levantando, por momentos, os véus do esquecimento

e fazer verdadeiros cursos disso ou daquilo, assim armazenando preciosos cabedais morais-intelectuais nos recessos do espírito, cabedais que poderão aflorar em nossa vida de relação através da intuição, auxiliando-nos o progresso, nosso ou alheio. Poderemos rever o próprio passado espiritual, levantando, por momentos, os véus do esquecimen-

do sonho comumente compreendido. E poderemos ainda alçarmos ao Espaço e assistir a acontecimentos, cenas, fatos pertinentes ao mundo espiritual, ou deles co-participar. E como o Invisível normal é parecido com a Terra, embora superior a ela e muito mais belo, julgamos mil coisas, ao despertar, sem atinarmos com a verdade. Os médiuns, princi-

de fantasias e alucinações, denominando-os produtos do onirismo, quando a verdade é que se trata de uma faculdade a que chamaremos mediunidade pelo sonho, sobre a qual a Bíblia tanto informa.

Se, ao despertarmos, formos capazes de recordar tudo ou mesmo apenas fragmentos destes estados de emancipação da nossa alma, aí teremos os sonhos...

É bom lembrar que também poderemos resvalar, durante a mesma emancipação, para ambientes sórdidos, da Terra mesma ou do Invisível, conforme o nosso estado mental, moral e vibratório, e ali convivermos numa sociedade perniciosas, absolutamente inconveniente ao nosso bem-estar moral e espiritual. Se tais arrastamentos não forem vencidos pela nossa vontade, poderemos, ao fim de algum tempo,

adquirir obsessões que variam do completo domínio da nossa mente, pelos obsessores, até a aquisição de vícios e arrastamentos torpes, que nos poderão desgraçar.

Todos esses acontecimentos deixarão atestados em nossas vibrações: ao despertarmos, estaremos tranquilos, esperançados, reanimados para o bem e para o trabalho em prol do progresso, se alçamos às regiões educativas do Invisível; ou nos sentiremos deprimidos ou irritados, angustiados e ineptos, se nos rebaixamos a convivências perniciosas dos ambientes maus. Não confundir, no entanto, estados patológicos do esgotamento físico, que também nos farão despertar pela manhã, completamente dispostos para a boa marcha da vida, com as observações acima expostas. Outrossim, a convivência espiritual

má, durante o sono, poderá arrastar-nos a depressões generalizadas, redundando em enfermidades e até em obsessão e, possivelmente, em suicídio.

Nossa personalidade é rica de poderes e possibilidades. Vale a pena, então, estudarmos a nós mesmos a fim de melhor nos conhecermos, tratando de nos reeducarmos consoante as leis do bem e do equilíbrio moral e emocional. Oremos e vigiemos, fazendo por onde nos recomendarmos a assistência protetora dos Guias Espirituais, a fim de que os momentos do nosso sono se tornem em ensejos felizes para instrução, progresso, saúde e alegria para nós próprios...

Fonte:

PEREIRA, Yvonne do Amaral. *À Luz do Conso-lador*. Págs. 96 - 100. Feb

# Regressão de memória: o mistério do passado e o segredo do porvir

por Carlos Alberto Loureiro

O problema da memória não pode ser solucionado pelos ordenamentos da Psicologia Experimental. Todas as impressões experimentais no correr de nossa existência ficam gravadas no cerne de nossa alma, em caracteres indelévels, constituindo-se no que Charles Richet (Prêmio Nobel de Medicina, de 1913) rotulou de pantomnésia. O esquecimento não significa a perda de conhecimento, mas a sua passagem a um domínio obscuro da consciência. O sono hipnótico anestésico e, às vezes, as emoções violentas fazem aflorar, não raro, fatos que pareciam irremediavelmente esquecidos. A iminência da morte, por exemplo, suscita o que se rotulou de visão panorâmica ou tela panorâmica, em que a pessoa, estando ou não moribunda, vê transcorrer (como se fosse numa tela de cinema) todos os fundamentais lances de sua vida pregressa. Ernesto Bozzano, analisando o assunto, admite que a visão panorâmica pode acontecer, em raríssimas ocasiões, a indivíduos que estejam gozando de boa saúde e fora de qualquer perigo de morte. Carl Jung tenta explicar, à luz da psicologia, o fenômeno, relatando o que aconteceu com o Professor Heim - que, num desastre

na montanha, toda a sua vida se lhe desenrolou diante dos olhos, em frações de segundos.

Em casos de anomalia da memória, a que Pitres (*Leçons sur l'Hystérie et l'Hypnotisme*) deu nome de acminésia, o indivíduo se encontra transportado a uma fase anterior da sua vida e a sua consciência retrocede no tempo. Cita, como exemplo, o caso de Albertina, de 28 anos, que durante o delírio acmnésio, se encontrou transportada à idade de sete anos, reconstituindo todas as cenas dessa parte da sua vida com notável precisão.

Durante o sonambulismo, a memória se amplia extraordinária e imprevisivelmente, aquecendo e fazendo emergir impressões esquecidas (a criptomnésia dos metapsiquistas) com uma nitidez e fidelidade assombrosas. Demonstram as infundáveis experiências que a memória arquiva sensações por camadas superpostas; à medida que se mergulha nessas camadas, vão acordando acontecimentos cada vez mais remotos, que se sucedem inexoráveis. Nos casos de regressão de memória, observa-se uma notória correspondência entre o estado psicológico e o estado fisiológico do passivo, que vivencia fatos do passado como se fossem atuais.





#### O pioneirismo de Fernando Colavida

Em 1887, Fernando Colavida (o Kardec espanhol) realizou notáveis pesquisas em que evidenciava o princípio da reencarnação, acordando em um sonâmbulo os trâmites de suas vidas anteriores. A memória do pesquisado retrocedeu quatro encarnações. A cada mudança de personalidade ocorria uma visível transfiguração. A fim de evitar possíveis enganos ou mistificações de natureza inconsciente, Colavida fez com que o médium fosse magnetizado por outro pesquisador que lhe devia sugerir serem falsas as existências passadas. A experiência serviu, apenas, para confirmar a veracidade das informações prestadas, em transe profundo, pelo médium, ratificando, assim, o princípio das vidas sucessivas.

Essas pioneiras experiências foram levadas à apreciação do Congresso Espírita de 1900. Mais tarde, vários experimentadores, usando métodos até certo ponto diferentes, atingiram resultados idênticos àqueles obtidos por Fernando Colavida.

#### As pesquisas de Albert de Rochas

O conde Albert de Rochas D'Aiglun entrou em contato, casualmente, com o fenômeno de regressão de memória, quando

realizava, por volta de 1893, experiências magnéticas com um jovem estudante. O processo experimental utilizado de Rochas (vide Lês Viés Successives) consiste no emprego de passes longitudinais, combinados com a imposição da mão direita, sobre o passivo. Várias fases, então, são percorridas, revelando, cada uma delas, características especiais. Na fase segunda (sonambúlica), o passivo é profundamente sugestionável, constatando-se insensibilidade cutânea, consequência da exteriorização da sensibilidade. A memória, porém, ainda se mantém normal; entretanto, nas fases

seguintes, acontece o fenômeno da regressão e a sugestibilidade diminui de intensidade.

“As experiências de Rochas - observa o Dr. A. Lobo Vilela em *O Destino Humano* - qualquer que seja o valor que lhes queiram atribuir, são, incontestavelmente, elementos preciosos de estudo.”

#### As dúvidas de Theodoro Flournoy

Theodoro Flournoy, professor de Psicologia na Universidade de Genebra (Suíça), em seu livro *Dês Indes à la Planète Mars* (1899), trata das faculdades mediúnicas de Helena Smith (1861 - 1929), pseudônimo de Catherine Elise

Muller, de Genebra. Sob hipnose, a médium remonta a uma existência passada na Índia, quando fora a princesa Simandini. O professor Flournoy negava peremptoriamente a reencarnação e atribuía esses fenômenos à auto-sugestão que suscita personificações sonambúlicas que, por sua vez, criam romances subliminares. Essas impressões, que se encontravam registradas nos arquivos criptomnésicos, emergiam à consciência em estados especiais de hiperamnésia. Entretanto, essas suposições caíram por terra diante da veracidade histórica dos relatos de Helena Smith, levando-se em conta o seu total desconhecimento de tais ocorrências. Flournoy, porém, não se deu por vencido. Consultou especialistas em história da Índia; todos desconheciam os fatos em questão. Em uma biblioteca, porém, encontrou um antiquíssimo exemplar de *L'Histoire de l'Índia*, de Marlis, onde achou a prova de que as informações da médium estavam absolutamente certas ...

O método de Charles Lancelin, expresso na obra *L'Occultisme Experimental*, adota o trabalho de passes, recorrendo ao processo da contra-sugestão. Assim, quando o passivo entra em hipnose, recebe duas sugestões: “a primeira para não procurar as impressões no cérebro de algum dos assistentes ou no do magnetizador; a segunda, para não fazer afirmações sobre o que não possua elementos de certeza”. O processo de Lancelin sofreu uma série de questionamentos de parte dos mais autorizados experimentadores, uma vez que enfraquece o valor da sugestão, aumentando, destarte, a

## Sob hipnose, a médium remonta a uma existência passada na Índia



possibilidade de erro.

#### Os limites dos conhecimentos

Há casos em que é praticamente impossível determinar se um conhecimento que o passivo revela foi adquirido numa vida anterior ou foi assimilada na vida atual. Muitas vezes, porém, são de uma evidência palingenésica incontestável, definindo, assim, a confirmação experimental das vidas sucessivas.

Dr. A. Lobo Vilela conta-nos o seguinte e elucidativo episódio, que foi publicado na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*:

“De 1881 a 1884, percorria as ruas de Huesca um indivíduo que era conhecido apenas pelo nome de doido Suciác. Vestia-se de modo burlesco, falava só, ora corria sem motivo, ora marchava solenemente e não respondia a nenhuma das perguntas que lhe eram dirigidas. Por fim, como ele se tornasse perigoso, tiveram de o submeter a uma severa vigilância.”

“Na mesma cidade constitui-se um grupo de estudos espíritas com pessoas de cultura média, tendo Domingo Montreal como presidente e Sanchez Antonio como médium, criatura completamente iletrada.”

O presidente resolveu invocar o Espírito do doido Suciác no momento em que este estivesse dormindo. Obtiveram-se várias mensagens. Pouco depois, o pobre Suciác desencarnou, e espontaneamente, deu, pelo médium iletrado Antônio, uma mensagem afirmando que tinha sido o Senhor de Sangarrem; que tinha tido uma conduta irregular e que a vida que recentemente havia deixado, fora-lhe imposta como expiação. Ele afirmou que

seria encontrada a confirmação de suas palavras nos arquivos ainda existentes no castelo de que fora proprietário. Os dirigentes da sessão foram ao mencionado castelo e não encontraram os arquivos citados pelo Espírito.

Desapontados, realizaram uma sessão, para dar conta à entidade comunicante do resultado infrutífero das pesquisas. O Espírito escreveu que, se voltassem ao castelo, encontrariam, perto da lareira da cozinha, num escaninho, todos os documentos que desejavam. Assim se fez. De

estigmas biológicos cujas causas desconhecem. E como eles, todos são parecidos, onde quer que vivam! Balbuciam as mesmas sandices; na face, o sorriso idiota; os olhos, sem viço, inexpressivos, fitam lugares distantes, perdidos no tempo e no espaço.

Embora humilhados, vagando, sem rumo e destino certos no rés-do-chão das sociedades terrenas, esses Espíritos estão sob o pálio misericordioso da Lei de Deus, que a eles oferece a oportunidade de reabilitação e de soerguimento.

## Esses Espíritos estão sob o pálio misericordioso da Lei de Deus,

regresso a Sangarrem, obtiveram licença para sondar a parede, e, com grande surpresa, encontraram, num pequeno esconderijo, toda uma série de pergaminhos, que foram traduzidos pelo professor Oscariz, confirmando-se, assim, as afirmações do Espírito.

A doutrina palingenésica – observa o Dr. A. Lobo Vilela – tem um poder de síntese maravilhoso que equilibra o sentimento e a razão numa harmonia superior. Ela impõe-se ao nosso Espírito com a lucidez imperiosa dum axioma” ...

Realmente, criaturas como o doido Suciác, perambulam, dementadas, extremamente solitárias por este mundo a fora, levando n’alma profundas e enigmáticas angústias, sendo, aqui e ali, alvo de achincalhe dos insensatos e dos tolos que nelas apenas vêem o resultado de


Emergirão, inexoravelmente, do lodo em que chafurdam para retornarem ao caminho da evolução, com dignidade restaurada, e atentos, então, aos renovadores ordenamentos da Divina Legislação!

Fonte:

LOUREIRO, Carlos Bernardo. *O Túnel e a Luz*.  
Págs. 133 - 139. Editora Mnêmio Túlio.

# Temor da Morte

por Divaldo P. Franco / Manoel P. de Miranda

 O temor da morte resulta de vários fatores inerentes à natureza humana e à sua existência corporal. Entre eles ressaltam: a) o instinto

de conservação da vida que lhe constitui força preventiva contra a intemperança, a precipitação e o suicídio, não obstante desconsiderados nos momentos de superlativo

desgosto, revolta ou desespero; b) a predominância da natureza animal, que nos Espíritos inferiores comanda as suas aspirações, tendências e necessidades; c) o temporário olvido

**O temor da morte resulta de vários fatores inerentes à natureza humana**





da vida espiritual donde procede; d) o conteúdo religioso das doutrinas ortodoxas, que oferece uma visão distorcida quão prejudicial do que sucede após a ruptura dos laços materiais, elaborando um mundo de compensações em graça como em castigo, conforme a imaginação dos homens vitimados por fanatismos e alucinações; e) o receio de aniquilamento da vida, por falta de informações corretas a respeito do futuro da alma e daquilo que lhe está destinado...

Programado o corpo para servir de instrumento para o progresso do Espírito, através de cujo comprometimento desenvolve todas as aptidões e valores que nele jazem latentes, o instinto de conservação é-lhe um elemento de alto valor, para que seja preservada a vida e impulsionada para a frente até as últimas resistências. Em face dessa condição, o Espírito se imanta ao corpo e receia perdê-lo, em razão do atavismo ancestral que lhe bloqueia o discernimento a respeito daquilo cujos dados de avaliação não logram impressionar-lhe os sentidos.

O predomínio da natureza animal desenvolve-lhe o egoísmo e exacerba-lhe a paixão violenta, acentuando a sensualidade que se expande engendrando programas de novos gozos, que terminam por exaurir-lhe as energias mantenedoras dos equipamentos de sustentação orgânica. Assim é que um leve aceno de prolongamento da vida física ao moribundo fá-lo sorrir e aspirar pela sua ocorrência, em injustificável apego aos despojos

que lhe não permitem mais largos logros, embora lhe concedam a permanência física.

A reencarnação promove o transitório esquecimento do passado, que é providencial para poupar ao Espírito a amargura que os seus erros impõem e os seus delitos afligem. Esse esquecimento constitui motivo de receio da morte, em razão da falta de elementos que estrutu-

rem a confiança na sobrevivência, com o retorno ao mundo espiritual. As sensações sobrepõem-se às emoções, fixando-lhes os interesses na vida física, apesar de saber da sua efêmera existência.

O estabelecimento de prêmios e punições de sabor material, nos quais as religiões do passado firmam a estrutura da existência espiritual, tornou-se detestável, em se considerando o medo a uma justiça absurda e impiedosa, ou a indiferença por uma felicidade estanque, monótona e perpétua, que tem lugar num céu onde o amor não dispõe de recursos para socorrer o caído, nem a piedade vige em relação aos infelizes...

Por fim, o engodo dos sentidos anestesia a razão, levando-a a concluir que a morte deles representa a destruição da vida, arrolando o cérebro como autor do pensamento

e os órgãos na condição de causa da existência do ser.

Assim, a desinformação e as concepções erradas sobre a vida futura são responsáveis pelo temor da morte que leva muitos indivíduos a estados neuróticos lastimáveis, como a comportamentos alucinados, nos quais buscam o esquecimento, fugindo da sua contingência enganosa.

## A reencarnação promove o transitório esquecimento do passado

É inata, todavia, em todos os seres, a idéia da sobrevivência do Espírito à disjunção molecular do corpo cadaverizado. A intuição do futuro sempre esteve presente em todos os povos, desde os mais primitivos, estabelecendo, de alguma forma, um código ético de comportamento, que previne o homem e o prepara para o encontro com a consciência após o traspasse.

Nos indivíduos imediatistas, aferrados aos prazeres físicos, o medo da morte é maior, em face das sensações que o escravizam à matéria, fazendo-o rezear a perda dos gozos em que se comprazem.

À medida, porém, que se aclaram os enigmas em torno da realidade post mortem, em que os fatos demonstram o seu prosseguimento, oferecendo uma visão correta sobre a continuação, o temor cede lugar

## CURIOSIDADE

à confiança e as dúvidas são substituídas pela certeza da perenidade do ser, que se sente estimulado a preparar, desde então, esse futuro no qual a felicidade possui uma dinâmica que fomenta o progresso incessante, em decorrência do esforço empreendido por quem deseja alcançá-lo.

Essa convicção leva o homem a uma mudança de metas, que passa a conquistar, esforçando-se pelo trabalho no presente com os olhos postos no futuro.

A saudade dos afetos que o precederam na viagem de volta não mais dilacera, porquanto a certeza

rio físico não signifique quase nada em relação à sobrevivência doadora de todas as bênçãos a que se pode aspirar.

Enquanto perdura o fenômeno orgânico, as impressões da vida espiritual são fugazes, incompletas. Na razão, entretanto, em que diminuem os impositivos da matéria sobre a alma, ampliam-se-lhe as percepções do mundo causal, dando origem a um secreto desejo de despojar-se do fardo que pesa, às vezes, com altas cargas de miséria e dor.

Aqueles que, na vida física apenas, depositam todas as aspirações

dos que se encontram encarcerados, anelado pela libertação.

O homem deve pensar na morte conforme pensa na vida. Cada dia que passa no calendário terrestre, adicionando-lhe tempo à existência física, é-lhe um a menos que o aproxima do portal da morte.

Substituir o medo pela expectativa de como será a vida mais tarde, substituir a incerteza pela conscientização do prosseguimento espiritual, deve ser um programa bem elaborado para ser vivido com tranqüilidade, no dia-a-dia que faz parte do seu peregrinar evolutivo.

A vida espiritual assim perde para ele o seu caráter hipotético para tornar-se uma realidade, na qual penetra desde antes da morte, através dos fenômenos mediúnicos que lhe propiciam essa convicção, especialmente com o intercâmbio dos sempre vivos, que o vêm emular na preparação da equipagem para o inevitável processo de retorno, que se dá através do mecanismo da morte biológica.

## A saudade dos afetos que o precederam na viagem de volta não mais dilacera

do reencontro faz que novos estímulos tomem corpo, executando um programa de promoção para credenciá-lo à convivência ditosa. Graças a esta emulação, todos os esforços são aplicados com direcionamento positivo, ensejando coragem para a luta e ânimo para vencer o cansaço ou quaisquer outras dificuldades que intentem obstaculizar-lhe a marcha.

O conhecimento dos objetivos imediatos da vida e a identificação dos valores jacentes no Espírito, mediante a concentração no ser real, fazem que a perda do envoltório

e necessidades, temem perdê-la, aferrando-se com desespero às suas exigências em prejuízo da libertação, que se lhes torna penosa e demorada.

O exercício mental e o natural desapego das ilusões favorece a confiança na sobrevivência, anulando o injustificável medo à morte.

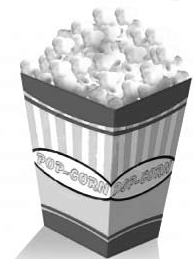
Para tanto, faz-se mister o amadurecimento íntimo que decorre da vivência equilibrada e do conhecimento que o estudo e a experiência propiciam, ou que resulta do sofrimento, o grande e oportuno fiador

Fonte:

FRANCO, Divaldo Pereira. *Temas da Vida e da Morte*. Págs. 67 - 71. Feb.

# Cinema tem sessão e loja, seção

por Eduardo Martins



Se duas palavras parecidas na grafia ou no som já costumam causar dúvidas em quem escreve, a situação agrava-se muito quando elas se tornam três ou quatro. Os grupos nessas condições na língua portuguesa não são numerosos, mas pelo menos dois deles incluem vocábulos muito presentes no cotidiano da maioria das pessoas. Nada melhor que começar pelo mais abundante. Faça o teste: você já hesitou ao escrever sessão (ou seção?) de cinema, seção (ou sessão?) eleitoral? Não se preocupe, pois essa incerteza já atingiu muita gente. Portanto, procure conhecer bem esse conjunto de palavras.



a) Sessão é o tempo que dura uma reunião, espetáculo, trabalho, ou esse próprio ato: sessão de cinema, sessão do Congresso, sessão de radioterapia, sessão de pancadas.

b) Seção equivale a divisão, repartição, segmento, parte de uma publicação ou de um todo, setor, etc.: Seção Eleitoral, Seção de Tráfego, Seção de Esportes (num jornal), seção de metais (numa orquestra), capítulo dividido em seções, seção de brinquedos, seção de roupas.

c) Secção pode ser uma variante de seção, mas, nesse sentido, é pouco usada. Prefira, por isso, o seu significado de corte, amputação: secção da aorta, vivissecação, etc.

d) Cessão, por sua vez, define o ato de ceder: cessão de direitos autorais, cessão de bens, cessão de um prédio. Existem também três vocábulos derivados formados pelo prefixo inter:

a) Interseção: corte, cruzamento (intersecção de duas retas, a interseção das ruas).

b) Intersecção: o mesmo que interseção.

c) Intercessão: ato de interceder, intervenção (Todos pediram a sua intercessão no caso).

## Acerca de e a cerca de

Caso mais complicado sucede com acerca de, a cerca de e há cerca de. Repare nas diferenças:

a) Acerca de significa sobre, a respeito de: Falou acerca da chegada do homem à Lua. / Quero saber tudo acerca dos programas de computador.

b) A cerca de e cerca de equivalem a perto de, aproximadamente: A torcida ficava a cerca de (aproximadamente) 10 metros dos jogadores. / O estoque da locadora ficou reduzido a cerca de (aproximadamente) 500 vídeos. / Cerca de (perto de) 20 pessoas estavam presentes.

c) Há cerca de corresponde a faz aproximadamente, desde mais ou menos: O ônibus partiu há cerca de (faz aproximadamente) 15 minutos. / A loja está aberta há cerca de (de mais ou menos) seis meses.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 64. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

# APLIQUEMOS-NOS

*“E os nossos aprendam também a aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias, para que não sejam infrutuosos.”  
- Paulo (Tito, 314.)*

*É preciso crer na bondade, todavia, é indispensável movimentar-nos com ela, no serviço da elevação.*

*É necessário guardar a fé, contudo, se não a testemunharmos, nos trabalhos de cada dia, permaneceremos na velha superfície do palavrório.*

*Claro que todos devemos aprender o caminho da iluminação, entretanto, se nós não dispomos a palmilhá-lo, não passaremos da atitude verbalista.*

*Há no Espiritismo cristão palpitantes problemas para os discípulos de todas as situações.*

*É muito importante o conhecimento do bem, mas que não esqueçamos as boas obras; é justo se nos dilate a esperança, diante do futuro, à frente da sublimidade dos outros mundos em glorioso porvir, mas não olvidemos os pequeninos deveres da hora que passa.*


*De outro modo, seríamos legiões de servidores, incapazes de trabalhar, belas figuras na vitrina das idéias, sem qualquer valor na vida prática.*

*A natureza costuma apresentar lindas árvores que se cobrem de flores e jamais frutificam; o céu, por vezes, mostra nuvens que prometem chuva e se desfazem sem qualquer benefício à terra sedenta.*

*As escolas religiosas, igualmente, revelam grande número de demonstrações dessa ordem. São os crentes promissores e infrutuosos, que a todos iludem pelo aspecto brilhante. Dia virá, porém, no qual se certificarão de que é sempre melhor fazer para ensinar depois, que ensinar sempre sem fazer nunca.*



**Chico Xavier - Emmanuel**  
*Vinha de Luz*



revistafidelidade@terra.com.br • ano V • mai-jun/2007 • nº 56-57

Revista

# Fidelidade **ESPÍRITA**

*Bezerra por ele mesmo*

A  
Revista que se **Responsabiliza**  
**Doutrinariamente**  
pelos Textos Publicados

## SUMÁRIO

### 32 REFLEXÃO

NOS DOMÍNIOS DA SOMBRA

Como agem os Espíritos de falanges da discórdia

### 34 ENSINAMENTO

A DERROCADA DO MATERIALISMO

Os ensinamentos de Jesus diante de um povo arrogante

### 36 ESTUDO

VIDA, SONO E SONHO

O Espírito desligado temporariamente do corpo

### 40 EVANGELHO

O EVANGELHO DE CHICO XAVIER

Palavras de amor e conforto

### 42 CAPA

BEZERRA POR ELE MESMO

### 48 MEDIUNIDADE

YVONNE DO AMARAL PEREIRA

A história de uma médium maravilhosa

### 55 COM TODAS AS LETRAS

CHEGA-SE A ALGUM LUGAR

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

## FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN  
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

[atendimentovistafidelidade@hotmail.com](mailto:atendimentovistafidelidade@hotmail.com)



## Edição

Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

## Equipe Editorial

Adriana Levantesi  
Leandro Camargo  
Rodrigo Lobo  
Sandro Cosso  
Thais Cândida  
Zilda Nascimento

## Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

## Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

## Revisão

Equipe FidelidadEspírita

## Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

## Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

## Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" responsabiliza-se  
doutrinariamente pelos artigos  
publicados nesta revista.



Apesar do notável progresso humano no campo da inteligência e da tecnologia, o chamado "conhecimento científico" ainda não foi capaz de responder a todas as questões no terreno da paranormalidade humana.

Compreensível, portanto, que a mediunidade ainda seja confundida com determinados distúrbios psicológicos ou mentais, o que corresponde a uma pobreza de raciocínio, reclamando revisão urgente.

Tomemos por base o próprio corpo humano, já amplamente decifrado pela ciência acadêmica.

Ninguém estará fadado a um distúrbio gástrico simplesmente por contar com o estômago em sua organização física. Nem tampouco a mera presença do fígado determinará, necessariamente, o surgimento de uma patologia hepática perturbando a saúde.

O mesmo ocorre na área do psiquismo humano.

A existência da faculdade mediúnica, por si só, não predispõe ninguém a qualquer tipo de distúrbio psicológico ou mental.

Assim como no corpo físico, o desequilíbrio, quando ocorre, estará ligado a outros fatores, endógenos ou exógenos, requerendo tratamento específico para a recuperação da normalidade.

Alguém que abuse da alimentação, intoxicando-se com ingredientes picantes, por certo recolherá resultado da própria indisciplina na forma de uma gastrite.

Do mesmo modo, o médium que não aprende a canalizar suas energias psíquicas dentro do equilíbrio desejável, estará sujeito a perturbações decorrentes da própria invigilância.

Em ambos os casos, o problema não estará na instrumentalidade e sim na conduta de seu portador.

A faculdade mediúnica, conforme esclarece o Espiritismo, é instrumental psíquico, comum a todas as pessoas, destinado a ampliar a percepção para além dos cinco sentidos sensoriais, possibilitando, assim, o intercâmbio com os espíritos desencarnados.

A Doutrina Espírita, ao apresentar um novo paradigma humano – o homem espiritual –, oferece grande colaboração à ciência acadêmica na interpretação dos casos de perturbação mental sem causa comprovadamente orgânica, à medida que alarga o conhecimento para os níveis mais profundos da consciência.

Meditemos nisso porque, sem a predisposição para investigar o homem em sua profundidade espiritual, o que se denomina "conhecimento científico", não passará de preconceito injustificável, retardando o progresso da sociedade.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. Pág 51-52. CEAK. 2003

**FALE CONOSCO**

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

## Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00  
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP  
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

# Nos domínios da Sombra

por Humberto de Campos / Chico Xavier

**E**m compacta assembléia do reino das sombras, um poderoso soberano das trevas, diante de milhares de falangistas da miséria e da ignorância, explicava o motivo da grande reunião.

O Espiritismo com Jesus, aclarando a mente humana, prejudicava os planos infernais.

Em toda parte da Terra, as criaturas começavam a raciocinar menos superficialmente! Indagavam, com segurança, quanto aos enigmas do sofrimento e da morte e aprendiam, sem maior dificuldade, as lições da Justiça Divina. Compreendiam, sem cadeias dogmáticas, os ensinamentos do Evangelho. Oravam com fervor. Meditavam na reencarnação e passavam a interpretar com mais inteligência os deveres que lhes cabiam no Planeta. Muita gente entregava-se aos livros nobres, à caridade e à compaixão, iluminando a paisagem social do mundo e, por isso, todas as atividades da sombra surgiam ameaçadas...

Que fazer para conjurar o perigo?

E pediu para que os seus assessores apresentassem sugestões.

Depois de alguns momentos de expectativa, ergueu-se o comandante das legiões da incredulidade e falou:

- Procuremos veicular a crença de que Deus não existe e de que as criaturas viventes estão entregues a forças cruéis e fatais da Natureza...

O maioral das trevas, porém, objetou, desencantado:

- O argumento não serve. Quanto mais avança nos trilhos da inteligência mais reconhece o homem a Paternidade de Deus, sendo atraído inelutavelmente para a fé ardente e pura.

Levantou-se, no entanto, o orientador das legiões da vaidade e opinou:

- Espalharemos a notícia de que Jesus nada tem que ver com o Espiritismo, que as manifestações dos desencarnados se resumem num caso fisiológico para as conclusões da ciência, e, desnortando os profetas da Renovadora Doutrina, faremos com que gozem a vida no mundo, como melhor lhes pareça, sem qualquer obrigação para com o Evangelho e, assim, serão colhidos no túmulo, com as mesmas lacunas morais que trouxeram do berço...

O rei das sombras anuiu, complacente:

- Sim, essa ilusão já foi muito importante, contudo, há milhares de pessoas despertando para a verdade, na certeza de que as portas do sepulcro não se abririam para os vivos da Terra, sem a intervenção de Jesus.



Nesse ponto, o diretor das falanges da discórdia pôs-se de pé e conclamou:

- Sabemos que a força dos espíritos nasce das reuniões em que se congregam para a oração e para o aprendizado da Vida Espiritual, e nas quais tomam contato com os Mensageiros da Luz... Assim sendo, assopramos a cizânia entre os seguidores dessa bandeira transformadora, exagerando-lhes a noção da dignidade própria. Separá-los-emos uns dos outros com o invisível bastão da maledicência. Chamaremos em nosso auxílio os polemistas, os ►



discutidores, os carregadores de lixo social, os fiscais do próximo e os examinadores de consciências alheias, para que os seus templos se povoem de feridas e mágoas incuráveis e, assim, os irmãos em Cristo saberão detestarem-se uns aos outros, com sorrisos nos lábios, inutilizando-se para as obras do bem.

O chefe satânico, todavia, considerou:

- Isso é medida louvável, contudo necessitamos de providência de efeito mais profundo, porque sempre aparece um dia em que as brigas e os desacordos terminam com os remédios da humildade e com o socorro da oração.

A essa altura, ergueu-se o condutor das falanges da desordem e ponderou:

- Se o problema é de reuniões, conseguiremos liquidá-lo em três tempos. Buscaremos sugerir aos membros dessas instituições que o lugar dos conclaves é muito longe e que não lhes convém afrontar as surpresas desagradáveis da via pública. Faremos que o horário das reuniões coincida com o lançamento de filmes especiais ou com festividades domésticas de data fixa. Improvisaremos tentações determinadas para os companheiros que possuam maiores deveres e responsabilidades junto às assembleias, a fim de que os iniciantes não venham a perseverar no trabalho da própria elevação. Organizaremos dificuldades para as conduções e atrairemos visitas afetuosas que cheguem no momento exato da saída para os cultos espíritas-cristãos. Tumultuaremos o ambiente nos lares, escondendo chapéus e bolsas, carteiras e chaves para que os crentes se tomem de

mau humor, desistindo do serviço espiritual e desacreditando a própria fé.

O soberano das trevas mostrou larga satisfação no semblante e ajuntou:

- Sim, isso é precioso trabalho de rotina que não podemos menosprezar. Entretanto, carecemos de recurso diferente...

O responsável pelas falanges da dúvida ergueu-se e disse:

- As reuniões referidas são sempre mais valiosas com o auxílio de médiuns competentes. Buscaremos desalentá-los e dispersá-los, penetrando a onda mental em que se comunicam com os Benfeitores Celestes, fazendo-lhes crer que a palavra do Além resulta de um engano deles próprios, obrigando-os a se sentirem mentirosos, palhaços, embusteiros e mistificadores, sem qualquer confiança em si mesmos, para que as assembleias se vejam incapazes e desmoralizadas...

O mentor do recinto aprovou a alegação, mas considerou:

- Indiscutivelmente, o combate aos médiuns não pode esmorecer, entretanto, precisamos de providência mais viva, mais penetrante...

Foi então que o orientador das falanges da preguiça se levantou, tomou a palavra, e falou respeitoso:

- Ilustre chefe, creio que a melhor medida será recordar ao pensamento de todos os membros das agremiações espíritas que Deus existe, que Jesus é o Guia da Humanidade, que a alma é imortal, que a Justiça Divina é indefectível, que a reencarnação é uma verdade incontestada e que a oração é uma escada solar, reunindo a Terra ao Céu...

O soberano das sombras, porém,

entre o espanto e a ira, cortou-lhe a palavra, exclamando:

- Onde pretende chegar com semelhantes afirmações?

O comandante dos exércitos preguiçosos acrescentou, sem perturbar-se:

- Sim, diremos que o Espiritismo com Jesus, pedindo às almas encarnadas para que se regenerem, buscando o conhecimento superior e servindo à caridade, é, de fato, o roteiro da luz, mas que há tempo bastante para a redenção, que ninguém precisa incomodar-se, que as realizações edificantes não efetuadas numa existência podem ser atendidas em outras, que tudo deve permanecer agora como está no íntimo de cada criatura na carne para vermos como ficarão depois da morte, que a liberalidade do Senhor é incomensurável, e que todos os serviços e reformas da consciência, marcados para hoje, podem ser transferidos para amanhã... Desse modo, tanto vale viverem no Espiritismo como fora dele, com fé ou sem fé, porque o salário de inutilidade será sempre o mesmo...

O rei das sombras sorriu feliz, e concordou:

- Oh! Até que enfim descobrimos a solução...

De todos os lados ouviam-se risos exclamações:

- Bravos! Muito bem! Muito bem!

O argumento do astucioso condutor das falanges da inércia havia vencido.

Fonte:

XAVIER, Francisco C. *Contos e Apólogos: Irmão X*. Pág. 173 - 177. Feb

# A derrocada do materialismo

por Vinicius

“Ao sair Jesus do templo, em Jerusalém, disseram-lhe seus discípulos: Olha, Mestre, que pedras e que edifícios? Respondeu-lhes Jesus: Vês estes grandes edifícios? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada.”  
(Evangelho)



Geralmente, os homens enchem-se de entusiasmo diante dos grandes e custosos edifícios, e de todas as obras vultosas, que afetam os sentidos.

As metrópoles, com suas ruas e praças em constante burburinho, com seus prédios alinhados, ostentando rica e variada arquitetura, com seus monumentos, teatros, templos e jardins, constituem o orgulho das nações.

O comércio, a indústria e a agricultura, como fontes de riqueza, absorvem o que de melhor pode produzir a vontade e a inteligência do homem contemporâneo. O culto às artes, ao prazer, à moda e à ciência (na parte que diz respeito ao bem estar físico) representa, a seu turno, a preocupação absorvente dos povos.

E, afinal, que é tudo isso senão chapada materialidade? De que serve todo esse progresso material, desacompanhado do respectivo progresso moral? Onde estão os grandes impérios e as grandes potências que deslumbraram o mundo com seu poderio, com suas riquezas, com suas vastas opulentas e luxuosas capitais? Onde está a potentíssima Roma de Césares? Onde está a Grécia, berço das artes, da filosofia e da cultura física? Onde está o Egito com suas ciências? De todas essas grandezas não existe mais pedra sobre pedra? Tudo ruiu por terra, transformou-se em ruínas tal como sucedeu no ano 70 à famosa capital dos judeus, cumprindo-se a profecia do Senhor.

Jerusalém é um símbolo. O vaticínio que lhe foi predito

estende-se ao mundo inteiro. O deslumbrante progresso material, que o século atual ostenta com tanta jactância, é uma edificação sobre areia. A sorte que o espera é a mesma dos grandes reinos e impérios do passado, que ruíram ao sopro das paixões. A derrocada já teve seu início na conflagração européia. A pedra já se deslocou da montanha. A estátua de Nabucodonosor, cuja cabeça era de ouro, os braços e o peito de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro e os pés de barro, oscila em sua base instável e movediça.

Tal é o perfeito simile da civilização e do progresso dos povos na hora vigente. O embasamento

reitos, é sobrecarregado de ônus pesadíssimos. Não há moral, não há justiça, não há liberdade. Uma só região, diz Papini, pratica o mundo de nossos dias: aquela que reconhece suma trindade: Votan, Mamon e Epicuro: isto é, a Força, que tem por símbolo a Espada, e por templo a Caserna; a Riqueza, que tem por símbolo o ouro e por templo a Bolsa; e, finalmente, a Carne, que tem por símbolo Vênus e por templo o Bordel.

Hoje, mais do que nunca, cumpre despertar a Humanidade, chamando-lhe a atenção para proféticas palavras do incomparável Vidente: Vês todas essas grandezas do século? Dias virão em que não

## O deslumbrante progresso material, que o século atual ostenta com tanta jactância, é uma edificação sobre areia

que sustenta a fachada do mundo atual é falso. Os homens edificaram sobre os alicerces da tirania e das iniquidades. Não lhes aproveitam os exemplos da história. Fazem como crianças brincando com cubos de madeira: constroem pontes, erguem torres, levantam castelos, que, em seguida, elas próprias destroem, para, de novo, reconstruírem!

Sob os pomposos nomes do comércio e da indústria exercem-se o monopólio, o açambarcamento, e a apropriação, ocasionando carestia, miséria e fome. O parasitismo prolifera sob várias modalidades. O povo, ludibriado em seus di-

ficará pedra sobre pedra que não seja derribada.

Os que tem olhos de ver, e ouvidos de ouvir, vejam e ouçam.

Fonte:

Vinicius. *Nas Pegadas do Mestre*. Pág. 63 - 64. Feb

# Vida, sono e sonho

por Divaldo Pereira Franco

Já se disse, e com muita propriedade, que o sono é uma forma de morte. Assim, diariamente, o homem, ao deitar-se, realiza, mesmo que inconscientemente, um treino para esse fenômeno biológico terminal.

À semelhança da morte, em que o Espírito só se liberta com facilidade do corpo mediante conquistas anteriores de desapego e renúncia, reflexões e desinteresse pelas paixões mais vigorosas, no sono há uma ocorrência equivalente, pois que o ser espiritual possui maior ou menor movimentação conforme as suas fixações e conquistas.

O Espírito sempre está em ação até onde podemos concebê-la. A inatividade não se encontra presente nas Leis da Vida. Mesmo nos momentos de repouso, o Espírito se movimenta atraído por aquilo que mais lhe diz respeito.

O sono é, portanto, uma necessidade para o refazimento orgânico, o restabelecimento de energias do corpo, o reequilíbrio das funções que o acionam.

Assim que o corpo adormece,





e, às vezes, mesmo antes do sono total, afrouxam-se os liames que atam o Espírito à matéria, e ele se desprende, parcialmente, rumando para os lugares e pessoas aos quais se vincula.

Graças a essa movimentação. Quando retorna ao domicílio carnal traz as impressões e lembranças que imprime no cérebro, constituindo-lhe o complexo capítulo dos sonhos.

Detendo-nos apenas nos fenômenos oníricos de ordem espiritual, estes preservam uma correlação entre o estado de evolução do ser e os acontecimentos de que participa.

Num valhacouto de vadios, os que ali se encontram comprazem-se nos mesmos gostos que os reúnem. O mesmo ocorre num recinto reservado à cultura ou às artes, à fé ou ao trabalho. Há leis de afinidades que respondem pelas aglutinações sócio-morais-intelectuais, reunindo os seres conforme os padrões e valores nos quais se demoram.

Parcialmente liberto pelo sono,

## As suas horas de sono são aproveitadas para engrandecimento dos ideais, amadurecimento das aspirações

o Espírito segue na direção dos ambientes que lhe são agradáveis durante a lucidez física ou onde gostaria de estar, caso lhes permitissem as possibilidades normais.

Em tal circunstância, pode viajar com os seres amados, que reencontra além da cortina carnal, participando dos seus estudos e realizações, aprendendo lições que lhe ficarão em germen, penetrando, inclusive, nos registros do passado como do futuro.

Disso decorre a aquisição de informes que desconhecia, como pode prever fatos porvindouros, dando margem às retrocognições e precognições, do agrado dos modernos pesquisadores das ciências paranormais.

Ao mesmo tempo, defronta conhecidos nos mesmos redutos para onde vai ou se deixa con-

duzir, estabelecendo admiráveis fenômenos de comunicação entre vivos na esfera física.

Nem sempre, porém, as viagens em corpo espiritual, durante o sono, levam aos ambientes de felicidade e progresso, onde se cultiva o bem, o bom e o belo.

Mais facilmente, em razão do hábito dos pensamentos ultrajantes, fesceninos e brutais, os Espíritos que se comprazem com semelhante paisagem moral arrebatam o encarnado e levam-no aos redutos do crime e da perversão, onde se lhes ampliam as percepções negativas. Inspiram-se, ali, naquelas regiões de vandalismo e promiscuidade psíquica, e depois trazem para o comportamento diário as aberrações que buscam.

Crimes vergonhosos e programas vis são consertados nesses

ambientes espirituais que pululam nas cercanias da Terra.

Urde-se ali obsessões e vinditas em clima de perversidade sob o comando de mentes implacáveis,

lhos de insensatez e loucura, volve ao corpo aturdido, embora fixado no que lhe cumpre executar, como autômato que foi - vítima de hipnose profunda. Esta, porém, não

dos ideais, amadurecimento das aspirações, enriquecimento dos planos do bem. E pelo fato de ter mais aguçadas as faculdades da alma, encontra ímpares satisfações nesses colóquios e visitas, graças aos quais se encoraja e felicita, podendo levar os labores adiante com alta dose de valor, que aos demais surpreende.

Conforme ocorre no fenômeno da morte, no qual a consciência passa por um torpor, perturbação que é variável, de acordo com as conquistas de cada um, a lucidez durante o sono, nas experiências oníricas, está a depender da densidade vibratória das emoções com que se pauta a vida, no cotidiano.

Desse modo, um programa bem organizado para antes de dormir constituirá emulação para o

## a lucidez durante o sono está a depender da densidade vibratória das emoções com que se pauta a vida

que ditam as normas de ação, para que se cumpram os planos nefastos.

Quando o Espírito ainda mantém resistências, que os resguardam da vulgaridade e da aberração, retorna desses antros de réprobos e padecem pesadelos horripilantes. Todavia, se já chafurda nos mesmos ignóbeis comér-

lhos é imposta, pois que foi buscada espontaneamente.

O inverso também se dá amiúde, quando o homem aspira aos ideais de enobrecimento da Humanidade, tornando-se instrumento dos promotores da evolução no mundo.

As suas horas de sono são aproveitadas para engrandecimento

Espírito, no ato do desprendimento, transferir-se a regiões felizes e contactar Entidades nobres, conquistando os tesouros da paz, da aprendizagem, da ação relevante, enquanto o corpo repousa.

De bom alvitre, também, que o homem se disponha a cooperar com os Benfeitores da Humanidade nas suas obras fomentadoras do progresso, participando dos seus empenhos com tal ardor que, em retornando ao corpo, permaneça telementizado por eles, dando curso ao empreendimento na esfera carnal. Diante de realizações enobrecedoras, na Terra, pode o Espírito prosseguir, ao desprender-se pelo sono, sob a tutela dos seus Guias Espirituais, corrigindo enganos e adquirindo mais amplos recursos e entendimento para promover esse trabalho que não

deve ser interrompido.

Santa Tereza de Ávila, em desdobramento pelo sono, peregrinou por uma cidade espiritual de sofrimentos, trazendo dali as impressões fortes que foram tomadas como sendo uma parte do Inferno da teologia católica.

Jacob sonhou com o pai, Dante Alighieri, que lhe mostrou o lugar onde guardara os treze cantos do “Céu”, que se encontravam desaparecidos.

Voltaire concebeu, enquanto dormia e sonhava, todo um canto de La Henriade.

Tartini compôs, dormindo e sonhando, a sua “Sinfonia ao Diabo”.

Os sonhos narrados na Bíblia se enquadram perfeitamente nessas viagens ao plano espiritual, quando o ser se desprende e

registra os fatos que narra posteriormente.

O capítulo do sono natural na vida do homem é a de muita importância, e está a exigir mais acurado estudo e meditação, a fim de ser aproveitado integralmente em favor do êxito na vilegiatura carnal.

Como um terço da vida física é dedicado ao sono, imenso patrimônio logrará quem converta esse tempo ou parte dele no investimento do progresso, em favor da libertação que lhe credenciará, para uma existência plena, um futuro ditoso.

Se alguém diz como e o que sonha, é fácil lhe explicar como vive nas suas horas diárias.

Dorme-se, portanto, como se vive, sendo-lhe os sonhos o retrato emocional da sua vida moral e espiritual.

Fonte:

FRANCO, Divaldo Pereira. Temas da Vida e da Morte. Págs. 25 - 29. Feb.

# O Evangelho de Chico Xavier

por Carlos A. Baccelli



“Não existe sofrimento maior do que a dor de perder um filho... Não entendo os nossos irmãos que combatem esse tipo de intercâmbio com o Mundo Espiritual. Eles se esquecem de que os que partiram também desejam o contato... O médium, sem dúvida, pode, em certas circunstâncias, rastrear o espírito, mas, na maioria das vezes, é o espírito que vem ao médium... O trabalho da Espiritualidade é intenso. Para que um filho desencarnado envie algumas palavras de conforto aos seus pais na Terra, muitos espíritos se mobilizam... Isto não é uma evocação. Não raro, são os próprios filhos desencarnados que atraem seus pais para os centros espíritas: desejam dizer que não morreram, que continuam vivos na Outra Dimensão, que os amam e que haverão de amá-los sempre... Digolhes que, como médium, essa tarefa das cartas de consolação aos familiares em desespero na Terra foi o que sempre mais me gratificou...”



“Eu nem sempre posso falar o que penso, mas o que não posso falar é exatamente aquilo que eu não devo dizer...”



“Em matéria de dinheiro, Emmanuel sempre me disse: - Chico, é preferível que lhe falte um milhão a que sobre um centavo...”



“A questão mais aflitiva para o espírito no Além é a consciência do tempo perdido...”





“ Os Espíritos, por enquanto, não têm condições de uma mais ampla abordagem da vida no Mundo Espiritual, o cérebro dos médiuns está programado para não receber mais...”



“ A verdade que fere é pior do que a mentira que consola... Entenda quem puder.”



“Trabalhei muitos anos com os espíritos sofredores... Eles me ensinaram muito. O que eu sei não aprendi apenas com nossos Benfeitores. A mediunidade também não pode ser elitista... MEDIUM elitizado é como um anel de brilhante, que, de tão caro, não pode sair do cofre...”



“Uai, a gente não pode querer que todo o mundo nos aceite. Às vezes, nem nós mesmos nos aceitamos... Nem Jesus é unanimidade entre os homens!...”



“O espírito de competição – eis o que precisa terminar entre os companheiros de Doutrina Espírita.”

Fonte:

BACELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*. DIDIER.



# *Bezerra por ele mesmo*

por Samuel Nunes Magalhães

O Reformador, órgão de divulgação da Federação Espírita Brasileira, publicou, em 15 de outubro de 1892, depoimento de Bezerra de Menezes sobre suas convicções religiosas traduzidas do berço e sua conversão ao espiritismo.

O referido documento, que transcrevemos a seguir, permitirá ao leitor sentir como se estivesse conversando com o inolvidável Apóstolo do espiritismo no Brasil.

Para tanto, tornamo-lo mais didático intercalando perguntas a fim de causar a impressão de o estarmos entrevistando nos dias de hoje.

**1. Que orientação religiosa você herdou do berço familiar?**

Nasci e criei-me, até os dezoito anos, no seio de uma família tradicionalmente católica, que levava sua crença até a aceitação de um absurdo, por mais repugnante que fosse, imposto à fé passiva dos crentes, pela igreja romana.

**2. Dos ensinamentos recebidos da religião católica, quais você guarda como luzes divinas?**

Aprendi aquela doutrina e acostumei-me às suas práticas, mas empiricamente, sem procurar a razão de minha crença.

Dois pontos, entretanto, me apreciavam luminosos no meio daquela névoa; eram: a existência da alma, responsável por suas obras, e a de Deus, criador da alma e de tudo o que existe.

Ao demais, eu considerava sagrao tudo o que meus pais me ensinavam a crer e a praticar: a religião católica apostólica, romana.

**3. A partir de quando você se afastou das práticas católicas?**

Aos dezenove anos, e naquela

disposição de espírito, deixei a casa paterna, para fazer meus estudos na capital do império, onde vivi, mesmo ao tempo de estudante, por mim mesmo, sem ter a quem prestar obediência.

Continuei na crença e práticas religiosas, que eu trouxe do berço; mas na convivência com os moços, meus colegas, em sua maior parte, livres-pensadores-ateus, comecei batendo-me com eles, e acabei concorde com eles, parecendo-me excelso não ter a gente que prestar contas de seus atos.

Não foi difícil esta mudança, pela razão de não ser firmada em fé racionada a minha crença católica; mas, apesar disto, a mudança não foi radical, porque nunca pude banir de tudo a crença em Deus e na alma.

Houve em mim uma perturbação de que nasceu a dúvida. Fiquei mais céptico do que cristão – e cristão somente por aqueles dois pontos.

Em todo caso deixarei de ser católico – e via os meus dois pontos luminosos por entre as nuvens.

**4. Após essa mudança de pensamentos, você retornou em algum momento ao seio da igreja católica?**

Casei-me com uma moça católica, a quem amava de coração – e sempre

respeitei suas crenças, guardando nos seios da minha alma a descrença.

No fim de quatro anos, fui subitamente batido pelo tufão da maior adversidade que me podia sobrevir: minha mulher me foi roubada pela morte, em vinte horas, deixando-me dois filhinhos, um de três anos e outro de um.

Aquele fato produziu-me um abalo físico e moral, de prostrar-me.

As glórias mundanas, que havia conquistado mais por ela do que por mim, tornaram-se-me aborrecidas, se não odiosas – e, como nelas, coisas da terra, eu não via nada, nada encontrei que me fosse de lenitivo a tamanha dor.

Sempre gostei de escrever, mas inutilmente tentava fazê-lo, porque no fim de poucas linhas tédio mortal se apoderava de mim.

A leitura foi sempre minha distração predileta; mais dava-se a este respeito o mesmo que a respeito de escrever; abria um, outro, outro livro sobre ciências, sobre literatura, sobre o que quer que fosse, mas não tolerava leitura de uma página sequer.

Um dia, meu companheiro de consultório trouxe da rua um exemplar de Bíblia do padre Pereira de Figueiredo, entressachado de estampas finíssimas.

Tomei o livro, não para ler, já que não tentava semelhante exercício, mas para ver as estampas, com verdadeira curiosidade infantil.

Passei todas em revista, mas, no fim, senti desejos de ler aquele livro que encerrava minhas perdidas crenças, e era uma vergonha para um homem de letras dizer que nunca o lera.

Comecei, pois, e esqueci-me a ler o belo livro, até perder a condução para minha casa; e depois que estive nesta, sentia prazer em pensar que voltaria a lê-lo!

Eu mesmo fiquei surpreendido com o que se passava em mim!

Li toda a Bíblia e, quanto mais lia, mais vontade tinha de continuar, sentindo doce consolação com aquela leitura.

Quando acabei, eu sentia necessidade de crer, não desta crença imposta pela fé, mas da crença firmada na razão e na consciência.

Onde descobrir-lhe a fonte?

Atirei-me à leitura dos livros sagrados, com ardor, com sede; mas sempre havia uma falha ao que meu espírito reclamava.

Começaram a aparecer as primeiras notas espíritas no Rio de Janeiro; mas eu repelia semelhante doutrina sem conhecê-la nem de leve! Somente porque temia que ela perturbasse a tal ou qual paz que me trouxera ao espírito a minha volta à religião de meus maiores, embora com restrições.

**5. Com essa disposição íntima após a leitura da Bíblia, como conheceu o espiritismo?**

Um colega, porém, tendo traduzido O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, fez-me presente de um exemplar, que aceitei, por cortesia.

Deu-mo na cidade, e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde.

Embarquei com o livro e, não tendo distração para longa e fastidiosa viagem, disse comigo, ora adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto, e, depois, é ridículo confessar-me ignorante de uma filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas.

Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele como acontecera com a Bíblia.

Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para meu espírito, entretanto tudo aquilo era novo para mim!

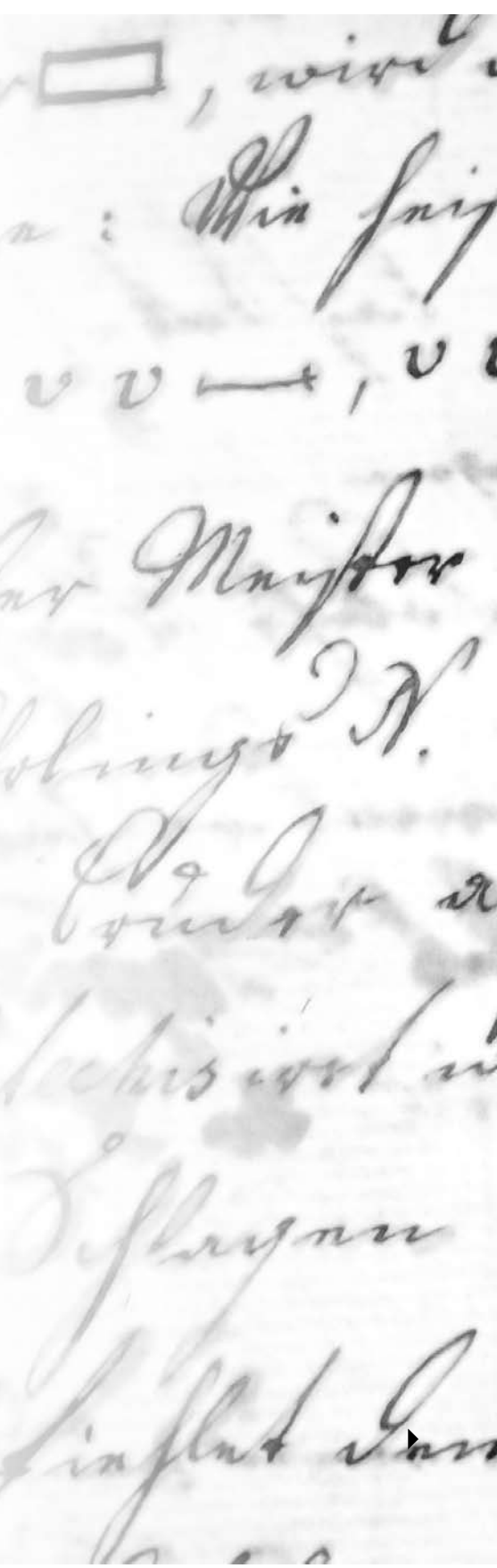
Dava-se em mim o que acontece muitas vezes a quem muito lê, e que um dia encontra uma obra onde depara com idéias, que já leu, mas não sabe em que autor.

Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se acha em O Livro dos Espíritos, mas com certeza nunca tinha lido obra alguma espírita, e, portanto, me era impossível descobrir onde e quando me fora dado o conhecimento de semelhantes idéias!

Preocupei-me seriamente com esse fato que me era maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, como se diz vulgarmente, de nascença, e que todas essas vacilações que sentia meu espírito eram marchas e contra marchas que ela fazia, por descobrir o que lhe era conhecido e, por ventura, obrigado a isto.

Eis o que fui e em que crença vivi, até que fui espírita.

**6. A leitura de O Livro dos Espíritos foi suficiente para firmar sua crença no espiritismo?**



Apesar de convencido da verdade do espiritismo, eu nunca tinha assistido, nem por mim tentado, a qualquer trabalho experimental, confirmativo sequer da comunicação dos espíritos.

Tendo sido atacado de dispepsia, que me reduziu a uma estado desesperador, sem que me tivesse proporcionado o menor alívio a medicina oficial, apesar de ter recorrido aos primeiros médicos desta capital, resolvi, depois de um tratamento de cinco anos, recorrer a um médium receitista, em que muito se falava, o sr. João Gonçalves do Nascimento.

E não acreditava nem deixava de acreditar na medicina medianímica, e confesso que propendia mais para a crença do que o tal médium era um especulador.

Em desespero de causa, porém, eu recorreria a ele, mesmo que eu soubesse ser um curandeiro.

Tentava um recurso desesperado, e fazia uma experiência sobre a mediunidade receitista.

Era preciso, porém, visto que se tratava de uma experiência, que eu tomasse todas as cautelas, para que ela me pudesse dar uma convicção fundada.

Combinei com o dr. Maia de Lacerda, completamente desconhecido do tal médium, ser ele que fizesse pessoalmente a consulta, recomendando-lhe que assistisse ao trabalho do médium enquanto este escreve, e pedisse-lhe o papel, logo que acabasse de escrever, porque bem podia ter ele um médico hábil, por detrás do reposteiro, que lhe arranjasse aquelas peças.

É verdade que o suposto médico, não sabendo de quem se tratava, visto que só se dava ao médium o nome de batismo e a idade dos consulentes,

não podia adivinhar-lhes os sofrimentos, mas, em todo caso, eu queria ter a certeza de que era exclusivamente do médium, homem completamente ignorante de medicina, um trabalho sobre medicina.

O dr. Lacerda fez como lhe recomendei, e trouxe-me o que, a meu respeito, escreveu o médium, que não podia reconhecer-me por meu nome próprio, Adolfo, não só porque há muitas pessoas com este nome, mas também porque sou conhecido geralmente por Bezerra de Menezes, e bem poucos dos que não entretêm relações íntimas comigo sabem que me chamo Adolfo.

Tomei o papel que dizia:

“O teu órgão, meu amigo (era o espírito que falava ao médium), não é suficiente para satisfazer este consulente, atenta às circunstâncias de sua elevada posição social (eu era membro da Câmara dos Deputados), e principalmente de sua proficiência médica (...).

“Entretanto, como não dispomos de outro, faremos com ele o mais que pudermos (...).

“Vejo no organismo do consulente (...); seguia-se uma descrição minuciosa de meus sofrimentos e suas causas determinantes, tão exatos aqueles, quanto perfeitamente fisiológicas estas.

Não posso descrever o abalo que me produziu este fato estupendo!

Segui o tratamento espírita, e o que os mestres da ciência não conseguiram em cinco anos, Nascimento obteve em três meses.

Em três meses, eu não estava completamente curado; mas estava forte, comia e dormia perfeitamente bem, era um homem válido, em vez de um valetudinário.

Continuei, com toda confiança, aquele tratamento, e, em menos de um ano, achei-me bem.

**7. Após este fato, algum outro contribuiu para consolidar a sua crença na doutrina dos espíritos?**

Logo após este fato, deu-se o de ser minha segunda mulher condenada como tuberculosa em segundo para terceiro grau, por importantes médicos, e dizer Nascimento, a quem consultei, com as precisas cautelas, para ele não saber de quem se tratava:

“Esta doente não tem tubérculo algum. Seu sofrimento é puramente uterino, e, se for convenientemente tratada, será curada (...).

“Enganam-se os médicos que diagnosticaram tuberculose (quem lhe disse que os médicos haviam feito tal diagnóstico?).

“Esta doente não tem tuberculose algum. Seu sofrimento é puramente uterino, e, se for convenientemente tratada, será curada (...)

“Se os médicos soubessem a rela-

Como resistir à evidência de fatos tais?

Depois deles comecei as investigações experimentais sobre os vários pontos de doutrina, e posso afirmar, daqui, eu tenho verificado, quanto é permitido ao homem alcançar, em certeza, a perfeita exatidão de todos os princípios fundamentais do espiritismo.

Não cabe num trabalho desta ordem referir o resultado experimental alcançado sobre cada um, e por isto me limito a dizer: o espiritismo é para mim uma ciência, cujos postulados são demonstrados tão perfeitamente como se demonstra o peso de um corpo.

**8. Que fato de sua experiência pessoal mais o impressionou no espiritismo?**

Nada me impressionou mais do que ver um homem, sem conhecimentos médicos e até sem instrução regular, discorrer sobre moléstias, com proficiência anatômica e fisiológica, sem claudicar, como bem

sentido.

Tive, porém, de minha experiência pessoal, um fato que muito me impressionou.

Eu estava em tratamento com o médium receitista Gonçalves do Nascimento, e este costumava mandar-me os vidros, logo que eu acabava uma prescrição, por um primo meu, estudante de preparatórios que morava em minha casa, na Tijuca, a uma hora de viagem da cidade.

Meu primo costumava, sempre que me trazia os remédios (homeopáticos) da casa do Nascimento, entregar-me os vidros em mão, e nunca, durante três meses que já durava meu tratamento, me trouxe do médium recado por escrito, senão simplesmente os vidros de remédio, tendo no rótulo a indicação do modo como devia ser tomado.

Um dia, deixei de ir à Câmara dos Deputados, de que fazia parte, e, pelas duas horas da tarde, passeava, na varanda, lendo uma obra que me tinha chegado de novo, quando me apareceu um vizinho, o sr. Alfredo Pinheiro, filho do presidente da Relação de Lisboa, e moço de inteligência bem cultivada.

O sr. Pinheiro não conhecia o espiritismo, senão de conversa, e como eu fazia experiência em mim, ele aproveitava a minha experiência, para fazer juízo sobre a verdade ou falsidade da nova doutrina.

Depois dos primeiros cumprimentos, perguntou-me como ia eu com o tratamento espírita.

Respondi-lhe nestas palavras: “estou bom, sinto apenas uma dorzinha nos quadris e uma fraqueza nas coxas, como quem está cansado de andar muito.”

Conversamos sobre o fato de minha cura em três meses, quando

## O espiritismo é para mim uma ciência, cujos postulados são demonstrados tão perfeitamente como se demonstra o peso de um corpo.

ção que existe entre o útero, o coração e o pulmão esquerdo não cometeriam erros como este”.

Sujeitei a minha doente, que já tinha febre, suores e todos os sinais da tísica em grau avançado, ao tratamento espírita, e em poucos meses tudo aquilo desapareceu, e já são decorridos dez anos, durante os quais ela tem tido e criado quatro filhos, sem sentir nenhum incômodo nos pulmões.

poucos médicos o podem fazer.

Mais do que isto, porém, é, para impressionar, ver dizer de um indivíduo que não se conhece, que não se examina, de quem não se sabe senão que ele se chama Pedro ou Paulo e tem tantos anos de idade – dizer, em tais condições, que sofre de tais moléstias, com tais e tais complicações, por tais e tais causas, e confirmar o diagnóstico pelo resultado eficaz do tratamento aplicado naquele

nada alcancei com a medicina oficial, em cinco anos, e passamos a outros assuntos, até que, uma hora, pouco mais ou menos depois, entrou meu primo com os vidros de remédio e com um bilhete, escrito a lápis, que me mandava Nascimento, e que dizia:

“Não, meu amigo, não estás bom como pensas.

“Esta dor nos quadris que acusas, esta fraqueza das coxas são a prova de que a moléstia não está de todo debelada.

“És médico e sabes que muitas vezes elas aparecem combatidas, mas fazem erupções, porventura perigosas.

“Tua vida é necessária; continua teu tratamento”.

É fácil compreender a surpresa, a admiração, o abalo profundo que produziu na minha alma um fato tão fora de tudo o que tinha visto em minha vida.

Repetiram-me, da cidade textualmente, as minhas palavras, como só poderia fazer quem estivesse ao alcance de ouvi-las!

Efetivamente, calculado o tempo que leva o bonde da casa de Nascimento à minha, reconhecemos, eu e Pinheiro, que aquela resposta me fora dada na cidade, precisamente à hora em que eu respondia, na Tijuca, a interpelação do meu visitante.

Pode haver fatos mais importantes no domínio do espiritismo; eu, porém, não tive ainda nenhum que me impressionasse como este, e, atendendo-se ao tempo em que ele se deu – quando eu estava sujeitando à prova experimental a nova doutrina –, compreende-se que impressão poderia causar.

Creio que se eu fosse ainda um incrédulo, desses que fecham os olhos para não ver, ainda assim não poderia

resistir à impressão que me causou semelhante fato.

Saulo não teve, mais do que eu teria, razão para fazer-se Paulo.

#### 9. As suas opiniões religiosas foram alteradas mediante estes episódios.

Acarretaram para você alguma mudança física ou moral?

Influência física, nenhuma senti; porém moralmente sou outro homem. Minha alma encontrou finalmente onde pousar, tendo deixado os espaços agitados pelo vendaval da descrença, da dúvida, do cepticismo, que devasta, que esteriliza, que calcina, se assim me posso exprimir, recordando as torturas de quem sente a necessidade de crer, mas não encontra onde assentar sua crença.

E não encontrava onde assentar minha crença, porque o ensino de Jesus – que uma força intrínseca, uma disposição psíquica me levaram a procurar, como o nauta perdido na vastidão dos mares procura o norte – me era oferecido sob um aspecto impossível de acomodar-se com um sentimento íntimo, instrutivo, exato, que me desse a razão e a consciência de ali estar a verdade; mas a verdade não é aquilo.

#### 10. Qual sua opinião atual sobre a igreja romana, após conhecer o espiritismo?

Ah! A igreja romana! A igreja romana!

O cristianismo nunca terá tão formidável inimigo! O materialismo nunca terá aliado tão prestimoso!

#### 11. Como você avalia sua transição do catolicismo para o espiritismo? Este lhe proporcionou mudança de vulto, capaz de impulsioná-lo a planos mais elevados?

Eu já disse como me abracei com o cascalho para não rolar no abismo

da descrença, e como aquela mão me impeliu para ele, quebrou-o a meus olhos, e me fez patente o brilhante nele contido.

Minha alma encontrou finalmente onde pousar!

Posso dizer o “meu” credo espírita, com aplauso de minha consciência, e não por força de uma autoridade que se arroga o direito de impor a fé.

Nestas condições, tendo encontrado a linfa que me saciou a sede de crer, posso ser mais o que eu era antes?

A moral cristã, iluminada pelos inefáveis princípios do espiritismo, não pode deixar de modificar, para melhor, quem a cultiva não somente por dever, mas também e principalmente por nela ter encontrado a paz do espírito!

Não sou, por minha fraqueza, o que ela deve fazer do coração humano, não me posso julgar, sem incorrer em orgulho ou falsa modéstia; mas posso assegurar que já compreendo os meus deveres para com Deus, para com os meus semelhantes, de um modo diverso, acentuadamente mais elevado, que antes de ser espírita.

Julgo, pois, que me é lícito dizer que as novas opiniões acarretam para mim sensível modificação moral.

E, para confirmá-lo, basta consignar este fato: antes de ser espírita, só o pensar em perder um filho fazia-me mentalmente blasfemar, punha-me louco.

Depois de ser espírita, tendo perdido quatro filhos adorados, e depois de criados, louvava e agradecia ao Pai de amor, provando, por aquele modo, minha obediência a seus sacrossantos decretos.

Fonte:

KLEIN, Luciano Filho. *Bezerro de Menezes - Fatos e documentos*. Págs. 77 - 93. Lachâtre.

# Yvonne do Amaral Pereira

por Carlos Bernardo Pereira

**Y**vonne Pereira nasceu a 24 de dezembro de 1900, num sítio nos arredores da Vila de Santa Tereza, município de Valença, Estado do Rio de Janeiro, hoje Cidade de Rio das Flores.

Seu nascimento, segundo informações do próprio médico, aconteceu depois de um baile na residência de sua avó materna.

Eram seus pais Manoel José Pereira, pequeno negociante, e Elizabeth de Amaral Pereira. Seus tetravós, portugueses de nascimento, assim como seu bisavô, judeus batizados e cristianizados em Portugal. Emigraram para o Brasil, fugindo das perseguições dos inquisidores. Também descendia de índios brasileiros da tribo Goitacás, por parte da bisavó materna, encontrada perdida nas matas do Norte do Es-

rico fazendeiro português no Brasil. Teve 5 irmãos, todos mais moços, e um mais velho, filho do primeiro matrimônio da sua mãe.

Manoel José Pereira, pai de Yvonne, não foi bom comerciante. Por três vezes, tentou manter um negócio e se arruinou, uma vez que favorecia os fregueses em prejuízo próprio. Por isso, desistiu do comércio e foi ser funcionário público, situação em que desencarnou em janeiro de 1935. Devido à situação financeira de sua família, Yvonne foi criada em um ambiente pobre, lutando com inúmeras dificuldades. Com isso, ela aprendeu a viver modestamente, numa condição social humilde. Mesmo assim, seu pai, de coração muito generoso, hospedava, em sua casa, pessoas necessitadas, destituídas de



**Yvonne foi criada em um ambiente pobre, lutando com inúmeras dificuldades.**

tado do Rio, com aproximadamente cinco anos de idade, durante uma caçada promovida por seu tetravô,

recursos, e, até mesmo, mendigos, alguns dos quais foram sustentados por longo período.



Tais experiências de vida, Yvonne considerou benéficas, pois a ajudaram a compreender as necessidades do próximo.

Até os 10 anos de idade, ela viveu sob os cuidados da avó paterna, devido às possíveis anormalidades que se lhe apresentaram na infância e que, soube posteriormente, vieram de outras vidas. Após os 10 anos de idade, passou a habitar com os pais, vivendo em várias localidades do Estado de Minas Gerais. Com a desencarnação dos pais, Yvonne Pereira voltou ao Estado do Rio de Janeiro, passando a viver com a irmã casada Amália Pereira Lourenço.

Yvonne Pereira possuía o grau de instrução primário, o que lhe causou sérios problemas. Seu pai, funcionário público, não ganhava o suficiente para dar um curso completo à filha, além de, naquele tempo, serem raras as escolas secundárias no interior do Brasil. Ela sentia que tinha vocação para o magistério e a literatura. Por isso tornou-se uma autodidata. Estudava sozinha até altas horas da madrugada. Eis o que ela mesma relata a respeito de uma fase de sua infância:

“Lia tudo que me viesse à mão, geralmente leituras aproveitáveis. E assim muito aprendi.”

Aos 8 anos li o primeiro romance: era “Marieta e Estrela”, romance espírita, clássico, com um trecho desenrolado na Espanha. (...) Daí em diante pus-me a ler outros, profanos, tais como “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães; “Iracema” e “Ubirajara”, de José de Alencar; “Elzira”, de cujo autor já não me lembro; “Paulo e Virgínia”, de Bernardin de Saint-Pierre; etc., e

mais tarde livros espíritas e outros profanos, como “Werther”, de Goethe, que li aos 14 anos, e “Eurico, o Presbítero”, de Alexandre Herculano, na mesma época. Porque fossem livros emprestados de outrem, eu os copiava todos, a mão, em cadernos de papel manilha, que eu mesma fazia, e os lia de vez em quando. Minha mãe fechava os olhos a essa mania. Meu pai nunca soube, pois tudo isso eu ocultava dele, visto que ele não concordava em que eu lesse romances, devido a minha pouca idade. Mas esse exercício foi excelente para mim, aprendi muito, tomei gosto pela leitura (...).” (Reformador, fevereiro, 1982.)

Aos doze anos de idade, já escrevia fluentemente sobre literatura, e de forma tão rápida que, mais tarde, veio a identificar como fenômenos de psicografia. O que conseguiu

dificultando-lhe as tomadas de decisão quando, mais tarde, teve de viver sozinha.

Yvonne Pereira nasceu em ambiente espírita. Seu pai se tornou espírita, embora não militante, bem antes do seu nascimento. Dele recebeu as primeiras lições de doutrina e prática de Espiritismo e do Evangelho, em reuniões semanais de estudo, nas quais se reunia com todos os filhos. Conta ela que, logo após seu nascimento, seu pai, irreverentemente, fez, a um médium seu conhecido, uma pergunta que, ainda hoje, muitas pessoas fazem:

- “Perguntai aos Espíritos quem foi esta menina em outra existência...”

O médium, atendendo ao pedido, concentrou-se por alguns minutos e deu a seguinte resposta:

- Ela teve uma existência em que

## Aos doze anos de idade, já escrevia fluentemente sobre literatura

aprender além do primário foi um pouco de música com um professor, por sinal excelente, chegando a dedilhar o piano. Pelos mesmos motivos, entretanto, teve de renunciar a esse ideal. Daí dedicar-se às prendas domésticas, como acontecia com a maioria das jovens da sua época: pinturas, bordados, costuras, crochês, flores, etc.

Sua educação foi severa, afastada do convívio social, o que a fez viver em recolhimento. Se por um lado esse tipo de vida lhe favoreceu os dotes mediúnicos, por outro lado causou-lhe uma excessiva timidez,

foi camponesa na Bélgica ... Seu passado foi tumultoso ...”

Tal revelação foi confirmada mais tarde.

Ao completar 12 anos de idade, recebeu de seu pai um exemplar de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e outro de “O Livro dos Espíritos”, ambos de Allan Kardec, e que se tornaram, no decorrer da vida, seus livros preferidos, de toda a bibliografia espírita.

Aos 13 anos de idade, conforme ela própria declara, Yvonne Pereira começou a participar de reuniões práticas de Espiritismo. Assistia a ▶

## MEDIUNIDADE

tudo, encantada com o que via e ouvia dos Espíritos, principalmente das mensagens do Espírito Bezerra de Menezes. Ela mesma assim se expressa a respeito da sua experiência ainda na adolescência:

“Fiz, assim, um grande aprendizado de prática espírita desde a adolescência, o qual muito tem valido aos meus variados desempenhos na seara espírita.”

A mediunidade apresentou-se em minha vida ainda na infância, conforme relato em o livro “Recordações da Mediunidade”. Com um mês de idade, ia sendo enterrada viva devido a um fenômeno de catalepsia, “morte aparente”, que sofri, fenômeno que no decorrer de minha existência repetiu-se muitas vezes. Aos 5 anos eu já via Espíritos e com eles falava, e assim continuei até os dias presentes. (Reformador, janeiro, 1982.)

Na primeira vez que participei

de uma reunião prática sentada à mesa, Yvonne Pereira recebeu uma mensagem do Espírito que se identificou pelo nome de Roberto de Canalejas, tratando sobre o tema suicídio. Este Espírito já lhe aparecia desde a primeira infância e com ela falava. A faculdade de desdobramento já se apresentava, também, nessa fase.

A psicografia vem surgir mais tarde e, com ela, Yvonne Pereira trabalhou a vida inteira, ou seja, de 1926 a 1980, como receitista homeopata assessorada pelos Espíritos Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Augusto Silva, Carlos Roberto de Canalejas, e outros cujos nomes nunca foram identificados.

De acordo com a classificação de Allan Kardec em “O Livro dos Médiuns”, Yvonne Pereira pertencia às categorias de: conselheiro, psicoanalista, passista, de efeitos físicos e incorporação (falante). Esta última

faculdade, dedicada aos casos de obsessão e de suicidas.

Como médium de materialização luminosa, diversos fenômenos foram provocados, mesmo à sua revelia, em sessões de que participou como assistente. Este tipo de mediunidade não lhe interessou muito, não participando das mesmas em cabine ou com outra qualquer formalidade.

Yvonne Pereira sempre seguiu as orientações dos livros básicos da codificação e, também, os conselhos de seus guias espirituais. Entre os orientadores encarnados, ela destaca o eminente espírita de Barra Mansa, Zico Horta, que a instruiu no início de sua mediunidade. E foi através dessa tarefa, exercida sem interrupção, que ela, durante 54 anos e meio, exerceu o receituário e os passes de cura. Praticou a cura de obsidiados, não só em recintos espíritas em sessões preparadas, como,



auxiliada por outros médiuns, na própria casa dos doentes. Amava os obsessores e era por eles respeitada. Sempre orou muito por eles. A respeito de sua forma de encarar o Espiritismo e a sua mediunidade, ela declara:

Conservei-me sempre espírita e médium muito independente, jamais consenti que a direção dos núcleos onde trabalhei bitolasse e burocratizasse as minhas faculdades mediúnicas. Consagrei-as aos serviços de Jesus e apenas obedecia, irremissivelmente, à Igreja do Alto, e com elas exercia a caridade a qualquer dia e hora em que fosse procurada pelos sofredores. Para isso aprofundei-me no estudo severo da Doutrina, a fim de conhecer o terreno em que caminhava e conservar com razão a minha independência. No entanto, observei a rigor o critério e os horários fixados pelos poucos centros onde servi, mas jamais me submeti à burocracia mantida por alguns. Se não me permitiam atender necessitados no centro, por isso ou por aquilo, em determinados dias, eu os atendia em qualquer outra parte, fosse em minha residência ou na deles, e assim consegui curas significativas, pois aprendi com o Evangelho e a Doutrina Espírita que não há hora nem dia para se exercer o bem. (Reformador, janeiro, 1982.)

Em certa época de sua vida, no Rio de Janeiro, Yvonne Pereira morou apenas com uma amiga em pequeno apartamento no bairro Lins de Vasconcelos. Por esse tempo, ofereceu sua colaboração como espírita e médium a algumas instituições espíritas. Mas não foi aceita por nenhuma delas. Então,

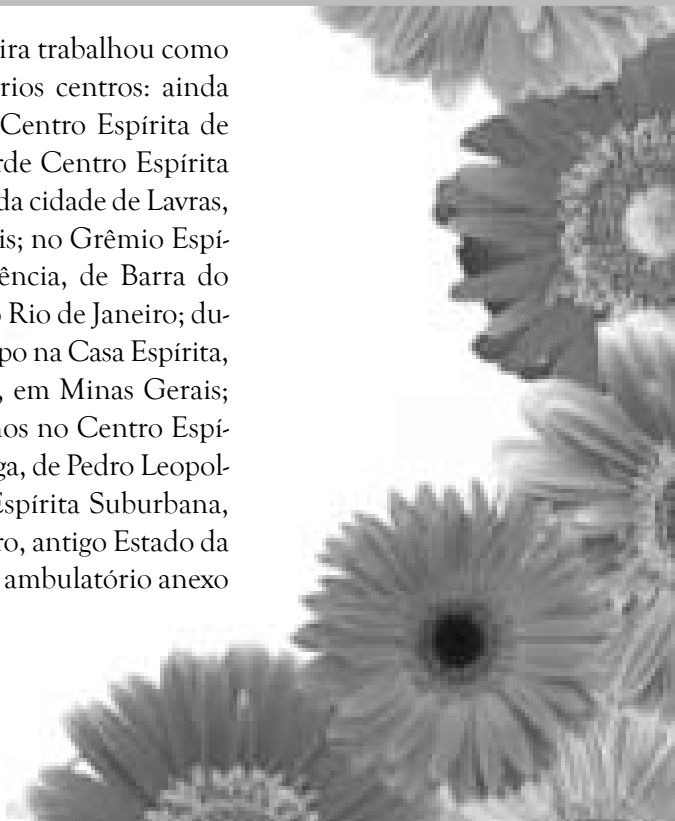
organizou o que denominou Posto Mediúnico, em sua própria residência, provendo-o de remédios homeopatas a sua própria custa. Passou a trabalhar sozinha. Fazia o culto do Evangelho do Lar diariamente, acompanhada de seus guias espirituais, uma vez que a companheira de apartamento abominava o Espiritismo. Além disso, aplicava injeções em doentes pobres, costurava para eles e fornecia-lhes medicamentos, tudo gratuitamente. Durante 8 anos desenvolveu este trabalho assistencial, principalmente com os moradores de uma favela próxima do bairro em que residia.

desta última instituição, dirigido pelo Dr. Otávio Fernandes, serviu, ainda, como médium de atração de obsessores de indivíduos com perturbação psíquica, caracterizada por assédio de Espíritos.

Yvonne Pereira desenvolveu, igualmente, a mediunidade oratória. Como tal, esteve presente na tribuna espírita no local onde residia do ano de 1927 até o ano de 1971, afastando-se deste setor, segundo ela mesma declara, mas não explica a razão, por ordem dos mentores espirituais. Dedicou-se à produção de obras mediúnicas em livros, através de crônicas, contos,

## Dedicou-se à produção de obras mediúnicas em livros, através de crônicas, contos, novelas e romances

Yvonne Pereira trabalhou como médium em vários centros: ainda bem jovem no Centro Espírita de Lavras (mais tarde Centro Espírita Augusto Silva), da cidade de Lavras, em Minas Gerais; no Grêmio Espírita de Beneficência, de Barra do Pirai, Estado do Rio de Janeiro; durante longo tempo na Casa Espírita, de Juiz de Fora, em Minas Gerais; durante dois anos no Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo; na União Espírita Suburbana, do Rio de Janeiro, antigo Estado da Guanabara. No ambulatório anexo





## Além de reproduzir textos enviados pelos Espíritos, Yvonne Pereira produzia de sua própria lavra

novelas e romances.

Além de reproduzir textos enviados pelos Espíritos, Yvonne Pereira produzia de sua própria lavra. Como jornalista, colaborou em vários jornais leigos e espíritas brasileiros, nesta última categoria com o pseudônimo de Frederico Francisco, numa homenagem ao

seu amigo espiritual Frederico Francisco Chopin. Este Espírito, segundo ela mesma declara, já a visitava, mesmo antes de se aproximar da médium musical inglesa Rosemary Brown. Assim, ela colaborou em O Clarim, de Matão, São Paulo, no tempo de Cairbar Schutel, de quem foi grande amiga; em Luz e

Verdade, de Lavras, este fundado por ela mesma e mais três amigos espíritas (Eduardo Gomes Teixeira Coelho, Antenor Barbosa, João Barbosa) e que os adversários do Espiritismo chamavam de Trevas e Mentiras, em Reformador, órgão de divulgação da Federação Espírita Brasileira. Infelizmente, muitos artigos seus publicados na imprensa leiga se perderam. Ainda muito jovem, Yvonne Pereira não teve o devido cuidado de os colecionar. E em muitos jornais profanos ela colaborou, como: A Tribuna, da cidade de Lavras; O Cruzeiro, da cidade de ►



ato tresloucado em vidas anteriores. Seria, portanto, uma forma de resgatar suas faltas.

Camilo Castelo Branco escreveu, então, através da psicografia, o livro “Memórias de um Suicida”, em 1926, mas só publicado, em 1ª edição, 30 anos depois, ou seja, em princípios de 1956. Atualmente, essa obra é considerada um monumento da bibliografia mediúmica no Brasil. Pode ser considerado um tratado sobre suicídio na visão espírita.

Além desse, recebeu, também: “Nas Telas do Infinito”, dos Espíritos Bezerra de Menezes e Camilo Castelo Branco; “Amor e Ódio”, do Espírito Charles, que afirmou ter sido seu pai em vida anterior; “A Tragédia de Santa Maria”, romance

Tolstoi; “O Drama da Bretanha” e “O Cavaleiro de Numiers”, do Espírito Charles; “Sublimação”, dos Espíritos Léon Tolstoi e Charles, e ainda, “Pontos Doutrinários”, uma coletânea de crônicas publicadas em Reformador.

Sobre o processo de como se realizou a recepção das obras mediúnicas, explica Yvonne Pereira:

A fim de receber esses livros, os romances principalmente, e também “Memórias de um Suicida”, seus autores espirituais retiravam meu espírito do corpo material. Levavam-me com eles para o Além ou para o país em que se desenrolaria a ação: Portugal, Espanha, França, Alemanha, Rússia e também alguns ambientes do Mundo invisível. Conheci, assim, algumas

## Camilo Castelo Branco escreveu, então, através da psicografia, o livro “Memórias de um Suicida”

Cruzeiro, Estado de São Paulo; A Coluna, de Campo Belo, Estado de Minas Gerais; Brasil Jornal e Jornal do Povo, de Barra do Pirai, Estado do Rio de Janeiro.

Ainda em sua juventude, Yvonne Pereira recebeu sugestão dos Espíritos para se submeter, mediunicamente, ao Espírito Camilo Castelo Branco, que queria dar uma importante mensagem sobre o suicídio e os suicidas. Segundo declaração da própria Yvonne Pereira, ela trouxera a incumbência de se prestar a esse trabalho, antes de reencarnar, pois se afinava com o problema por ter praticado esse

brasileiro do Espírito Bezerra de Menezes; “Nas Voragens do Pecado”, de Charles; “Devassando o Invisível”, sob a assistência do Espírito Charles e a supervisão do Espírito Bezerra de Menezes; “Ressurreição e Vida”, do Espírito Léon Tolstoi; “Dramas da Obsessão”, do Espírito Bezerra de Menezes; “Recordações da Mediunidade”, sob a assistência e supervisão do Espírito Bezerra de Menezes; “A Família Espírita”, “Evangelho aos Simples”, “A Lei de Deus”, “Contos Amigos” e “O Livro de Eneida”, sob a supervisão do Espírito Bezerra de Menezes e assistência dos Espíritos Charles e Léon

paisagens do Mundo Espiritual e países estrangeiros terrenos, onde a ação romântica se desenrolava, em diferentes épocas e séculos. Nesses locais, eu assistia à peça a ser escrita pelos autores espirituais, com todos os detalhes, sentia as emoções de todas as personagens, contemplava colorações belíssimas, via-me em todas as cenas, mas nada fazia ou dizia, e ouvia uma voz desconhecida a narrar o drama com uma precisão e um encanto indescritíveis, mas sem ver o narrador, e ouvia ainda tudo quanto diziam as suas personagens. Assisti, desta forma, à célebre “Matança dos Huguenotes”, ▶

## MEDIUNIDADE

na França, no ano de 1572, com detalhes inimagináveis por todos nós. Assisti a cenas da inquisição de Portugal, no século XVI. Visitei castelos medievais e da Renascença. Penetrei o Palácio do Louvre, em Paris, como ele devia ser ao tempo de Catarina de Médicis. Perlustrei os gelos da Rússia, conheci a vida de seus camponeses e o esplendor da nobreza ali existentes durante o império. Conheci antros de miséria e dor de toda a parte. Penetrei regiões sombrias do astral inferior e ambiências consoladoras do astral intermediário, etc. Posso dizer que o Além-Túmulo se assemelha

à nossa Terra, porém, mais belo nas regiões intermediárias e boas. Nestas, tudo é agradável e belo, e artístico. Convivi, finalmente, com meus Guias Espirituais, como se eu fora também desencarnada, ou quase isso, e revi muitos trechos do passado histórico citados em meus livros, como se se tratasse do presente. Depois de todas essas visões os autores espirituais dos livros mostrados voltavam e os escreviam, e eu os transmitia com grande facilidade, porque já conhecia o enredo e os detalhes.” (Anotações feitas pela médium em 30 de julho de 1973, e publicadas no Reformador

de fevereiro de 1982.)

Enfim, por tudo o que realizou em sua vida de médium espírita, Yvonne Amaral Pereira pode ser considerada como uma das maiores médiuns sob todos os aspectos, dotada de valiosas faculdades sempre postas a serviço do Bem e dentro do bom senso. Exigente e desconfiada quando o fato se relacionava com o mundo espiritual, nunca aceitou nada à primeira vista, sem um exame dentro da lógica, conforme preceitua a Doutrina Espírita. O matrimônio não fez parte de sua última programação terrena.

No dia 9 de março de 1984, às 22 horas aproximadamente, desencarnou Yvonne Pereira no Hospital da lagoa, no Rio de Janeiro, onde havia sido internada poucas horas antes.

O sepultamento de seu corpo ocorreu no dia seguinte, 10 de março de 1984, às 16 horas, no Cemitério de Inhaúma. Ao ato, compareceram diversos confrades e amigos, entre os quais Juvanir Borges de Souza, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, representando esta instituição e o seu presidente Francisco Thiesen. Na oportunidade usaram a palavra César Augusto Lourenço Filho, seu sobrinho, e o representante da Federação Espírita Brasileira. Após, uma prece foi proferida pelo confrade Lauro de Oliveira Thiago.

**Posso dizer que o Além-Túmulo se assemelha à nossa Terra, porém, mais belo nas regiões intermediárias e boas**



Fonte:

LOUREIRO, Carlos Bernardo. *As Mulheres Médiuns*. Págs. 311 - 321. Feb, 1996.

# Chega-se a algum lugar



por Eduardo Martins

Existem diversos verbos na língua portuguesa que indicam movimento, deslocamento, direção. Pela própria estrutura, eles devem ser construídos com a preposição *a*, e nunca com *em*, uma vez que esta significa “lugar onde” e por isso se emprega para situações estáticas. Com o principal deles, *chegar*, a linguagem popular raramente respeita essa norma e, o pior, o seu emprego distorcido, já chegou (infelizmente para ficar) aos meios de comunicação, por mais que este seja um erro considerado grave pelos gramáticos.

**A**ssim, o certo é dizer: O funcionário chegava sempre adiantado ao serviço (e nunca “no” serviço). Outros exemplos: O artista chegará a São Paulo no sábado (e não chegará “em” São Paulo no sábado). / Depois de muito esforço, chegou ao alto (e não chegou “no” alto) da montanha. / Os jogadores chegaram atrasados ao treino (e não “no” treino).

A regência do verbo vale também para o sentido figurado. Assim: Ele chegou à seguinte conclusão. / Ele chegou ao limite da paciência. O único caso em que se pode empregar *em* com *chegar* é na referência a tempo: Ele chegará em 10 minutos. / Chegaremos em cima da hora.

É importante notar: todo verbo de movimento (*ir*, *levar* e *vir* são os principais deles) exige a preposição *a*. Por isso, cada um deles acompanha o modelo de *chegar*: Foi ao teatro (e nunca “no” teatro). / Levou os filhos ao circo (e nunca “no” circo). Chamaram-no ao telefone (e não “no” telefone). / Desceu ao segundo andar (e não “no” segundo andar – fica claro que a pessoa desceu andando). / Saiu à janela (e não “na” janela). / Voltou ao Brasil.

Deve-se usar *a* também para os substantivos correspondentes: A chegada do artista a São Paulo (e não “em” São Paulo). / A ida da família ao circo (e não “no” circo). / A vinda do amigo ao colégio (e não “no” colégio).

Com esses verbos, a preposição *a* agrega-se ao *onde*, resultando na contração *aonde*, que significa a que lugar: Não sei aonde (a que lugar) ele quer chegar. / Descubra aonde (a que lugar) ele vai amanhã. / Aonde (a que lugar) esses desmandos nos conduzirão? / Você viu aonde (a que lugar) ele levou o carro?

## Ir a, ir para

Os verbos de movimento, conforme a preposição usada, seja *a* ou *para*, mudam de sentido. Dessa forma, *a* indica deslocamento rápido, provisório, e *para*, deslocamento demorado ou definitivo. Veja como: Vai a Nova York (vai e volta logo) / Vai para Nova York (vai de mudança ou fica algum tempo). / Veio ao Brasil (veio por pouco tempo). / Veio para o Brasil (veio para ficar pelo menos algum tempo). / Levou os filhos à casa da mãe (levou e os trouxe de volta). / Levou os filhos para a casa da mãe (levou-os e os deixou lá pelo menos por algum tempo).

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 65. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.



## Véus

*“Mas quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará.” – Paulo*

Não é fácil rasgar os véus que ensombram a mente humana. Quem apenas analisa, pode ser defrontado por dificuldades inúmeras, demorando-se muito tempo nas interpretações alheias.

Quem somente se convence, pode tender ao dogmatismo feroz.

Muitos cientistas e filósofos, escritores e pregadores assemelham-se aos pássaros de bela plumagem, condenados a baixo vôo em cipoais extensos. Vigorosas inteligências, temporariamente frustradas por véus espessos estão sempre ameaçadas de surpresas dolorosas, por não se afeiçoarem, realmente, às verdades que elas mesmas admitem e ensinam.

Exportadores de teorias, olvidam os tesouros da prática e daí as dúvidas e negações que, por vezes, lhes assaltam o entendimento. Esperam o bem que ainda não semearam e exigem patrimônios que não construíram, por descuidados de si próprios.

Conseguem teorizar valorosamente, aconselhar com êxito, mas, nos grandes momentos da vida, sentem-se perplexos, confundidos, desalentados... É que lhes falta a verdadeira transformação para o bem, com o Cristo, e, para que sintam efetivamente a vida eterna com o Senhor, é indispensável se convertam ao serviço de redenção.

Somente quando chegam a semelhante cume espiritual é que se libertam dos véus pesados que lhes obscurecem o coração e o entendimento, atingindo as esferas superiores, em vôos sublimes para a Divindade.



**Chico Xavier -  
Emmanuel  
Vinha de Luz**